



Soja e carne da América do Sul em um mundo transformado

Foto: Alamy



*Povos do Xingu relatam que as atividades agrícolas perto do território indígena têm impactado os peixes do rio
Foto: Alamy*



Sumário

Mensagem do editor		1
Carne bovina sul-americana é alvo de maior escrutínio na China		4
A soja sul-americana deslançou com a guerra comercial.		
Biden pode mudar isso?		7
Como a agroindústria ilhou o Xingu, mais antiga reserva indígena do Brasil		10
'A prioridade absoluta para a China continua sendo a segurança alimentar'		
		15
O boom da soja na Argentina está chegando ao fim?		19
América Latina dá os primeiros passos para uma carne bovina sustentável		
		22
China deve fazer sua parte para reduzir o impacto da soja sobre ecossistemas		
		26
Uruguai planeja aumentar produção e reduzir impacto de carne bovina		30
A dupla identidade da soja e suas oportunidades de sustentabilidade		34

Mensagem do editor:

Há bastante tempo protagonista nas economias agrícolas orientadas à exportação da América do Sul, a soja tem permitido aos países resistir aos choques globais de forma mais efetiva que a maioria das commodities. Na esteira da crise financeira de 2008, quando o investimento na agricultura dos Estados Unidos secou e a demanda da China — principal comprador mundial — aumentou, o Brasil e Argentina multiplicaram sua produção, protegendo-se da tempestade.

Enquanto as restrições de viagem e trabalho impostas pela Covid-19 represaram a demanda global pelas commodities das quais dependem muitas economias sul-americanas, como o petróleo, que caiu quase 10% no ano passado em comparação com 2019, a soja, juntamente com a carne bovina, bate recordes mais uma vez. A produção total de soja no Brasil poderia cobrir 39 milhões de hectares na safra 2021-22, produzindo um recorde de 141 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), ligada ao Ministério da Agricultura. No primeiro semestre deste ano, as exportações brasileiras de carne bovina para a China atingiram quase meio milhão de toneladas, que somaram US\$ 2,4 bilhões, um aumento de 13% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carnes (Abiec).

A pandemia, no entanto, parece ter mudado para sempre a forma como os principais mercados compram e vendem alimentos. As detecções do vírus na carne bovina do Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia impuseram bloqueios temporários de importação pelas autoridades chinesas, que desde então introduziram protocolos de inspeção mais rígidos — que se espera que perdurem. Os consumidores também estão ainda mais cautelosos com a segurança alimentar. Uma pesquisa recente realizada na província nordeste da China em Jilin revelou que 87% dos entrevistados estão preocupados com a qualidade da carne bovina.

As mudanças no cenário político global, por sua vez, tiveram um impacto mais lento. Embora a eleição de Joe Biden para a presidência dos Estados Unidos em 2020 tenha trazido esperanças de um retorno à mesa de negociações internacionais sobre questões urgentes como o clima, seu primeiro ano trouxe poucos avanços para uma resolução das tensões comerciais da era Trump com a China. O Brasil e a Argentina lucraram.

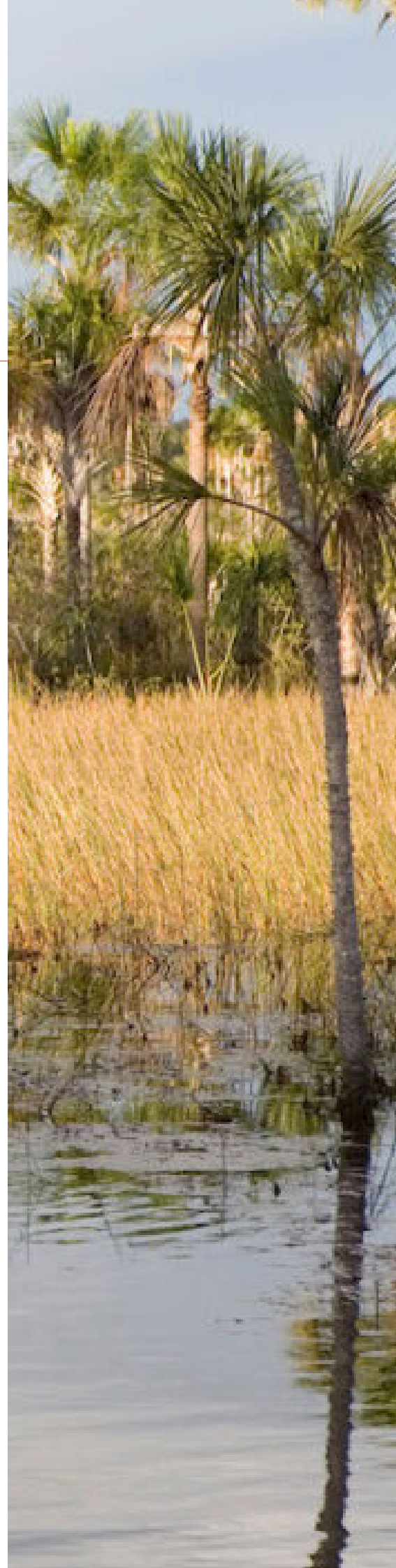
Nesses países, entretanto, a soja e a produção de carne bovina continuam a provocar mudanças na paisagem. Devido aos altos impostos de exportação e aos anos de uso excessivo de agrotóxicos que esgotaram a qualidade do solo, os produtores argentinos de soja estão

voltando a cultivar milho. No ano passado e pela primeira vez na década, eles passaram a plantar proporções iguais de cada cultivo, levando ao recuo o “mar de soja” que varreu os Pampas. Por outro lado, no Brasil, a área plantada de soja continua pressionando a preservação da vegetação em biomas sensíveis e cada vez mais próximos aos territórios indígenas, incluindo as fronteiras da reserva indígena do Xingu, no Mato Grosso.

A resposta à pandemia da Covid-19 e as novas condições que ela criou no mundo inteiro são prioritárias para a sustentabilidade futura destas indústrias. E há alguns sinais promissores. Os produtores da América do Sul começaram a desenvolver estratégias nacionais e regionais para a rastreabilidade sustentável da carne bovina. Além disso, mudanças políticas na China em direção a cadeias de abastecimento mais verdes e o aumento do consumo de proteínas vegetais poderiam remodelar tanto as dietas quanto os mercados.

Neste contexto, apresentamos uma série especial de artigos que examinam o comércio de soja e carne bovina entre a China e a América do Sul à medida que o mundo se aproxima do “novo normal” pós-pandemia. Com raras contribuições de pessoal sênior do Ministério da Agricultura do Brasil e ex-executivos da associação chinesa da soja, estes artigos trazem perspectivas únicas para o debate sobre a sustentabilidade da soja e da carne bovina e ajudam a iluminar os caminhos em direção a um comércio mais saudável, seguro e amigável à natureza.

Robert Soutar
Chefe de redação, Diálogo Chino





Vacas Hereford no Mercado Liniers em Buenos Aires, Argentina
Foto: Alamy

[Lucia He, He Mu](#)

Carne bovina sul-americana é alvo de maior escrutínio na China

Carne bovina passa por testes e controles rigorosos por parte de autoridades chinesas. O cuidado redobrado deve permanecer até o fim da pandemia

No início deste ano, a pandemia do coronavírus afetou a produção de carne bovina em todo o mundo, ao adoecer trabalhadores e até provocar o fechamento de fábricas temporariamente. Na América do Sul, foram relatados surtos em

58%

das exportações de carne bovina do Brasil vão para a China

frigoríficos no Brasil e na Argentina, enquanto trabalhadores no Uruguai entraram em greve.

Assim que as operações começaram a se normalizar, os produtores precisaram encarar um novo desafio quando as autoridades chinesas começaram a detectar o coronavírus em peças de carne importadas.

Além das proibições, as autoridades chinesas também impuseram

exigências rigorosas de testes que prejudicaram o comércio e criaram incertezas tanto para fornecedores quanto para importadores. A questão não se limitou à América do Sul, uma vez que a China encontrou coronavírus em mais de 40 lotes de amostras de carne de mais de uma dúzia de países. Além da carne bovina, o país também afirma ter encontrado o vírus em camarões do Equador, peixes brancos da Índia e Myanmar, salmão da Noruega, caranguejo do Chile e lula da Rússia, entre outros.

Os parceiros comerciais começaram a reagir e alegaram que as preocupações eram infundadas, além de terem denunciado o impacto negativo sobre o comércio e questionarem se haveria outros motivos para o bloqueio além do que foi dito oficialmente pelo governo chinês.

PREOCUPAÇÃO CRESCENTE ENTRE OS PRODUTORES SUL-AMERICANOS

Nos últimos anos, a China tornou-se o maior comprador de carne bovina da América do Sul, representando cerca de 75% e 58% das exportações da Argentina e do Brasil, respectivamente. Embora o comércio tenha permanecido robusto durante a pandemia, os produtores estão preocupados com o aumento do escrutínio e testes das autoridades chinesas sobre a carne importada.

As medidas implementadas pela China incluíram “eliminação completa”

“

O que aconteceu em 2020 foi muito preocupante, foi praticamente um ano perdido para o setor

e “pronta recusa de entrada” de qualquer produto suspeito de ter tido contato com o vírus. Os exportadores cujos produtos apresentaram um teste positivo foram banidos por uma semana, com possibilidade de prorrogação em até um mês caso o exportador já tenha recebido pelo menos três notificações. Além disso, no início de novembro, o Conselho de Estado, o mais alto órgão administrativo do governo chinês, estabeleceu um plano exigindo medidas abrangentes de desinfecção para alimentos importados antes que os trabalhadores sejam expostos durante o manuseio.

Nos supermercados, algumas carnes importadas apresentaram um adesivo declarando que não contêm vírus, e outros produtos disponibilizavam um código QR pelo qual os consumidores podiam acessar informações como o país de origem e certificados de inspeção de quarentena.

Estas medidas resultaram na suspensão das

importações de 99 fornecedores em 20 países, incluindo os da Argentina e do Brasil.

Uma das proibições envolveu a Gorina, um processador de carne argentino, cujas exportações para a China foram suspensas por quatro semanas, depois que as autoridades da cidade de Nanjing detectaram coronavírus na embalagem de seus produtos. Antes da proibição, a Gorina era uma das maiores exportadoras de carne bovina da Argentina, enviando entre 2.500 e 3.000 toneladas de carne bovina por mês para a China, o que representava entre 55% e 60% do total de suas vendas.

“O que aconteceu em 2020 foi muito preocupante, foi praticamente um ano perdido para o setor”, diz Ignacio Harris, gerente e diretor técnico da Associação Argentina de Angus.

Embora a Gorina tenha cooperado com as autoridades chinesas, alguns participantes da indústria argentina estão céticos sobre as acusações e especulam que a verdadeira intenção dos controles é restringir o comércio e reduzir os preços.

“As mudanças no mercado chinês causaram flutuações nos volumes de carne exportados pela Argentina, mas sem dúvida a principal mudança foi nos preços”, diz Mario Ravettino, presidente do Consórcio Exportadores de

Carnes Argentinas. “O preço das carnes congeladas sem osso exportadas para a China diminuiu 34% se compararmos os preços de outubro com os preços do final do ano passado”.

IMPLICAÇÕES NEGATIVAS A LONGO PRAZO PÓS-COVID-19

As suspeitas da China sobre a importação de alimentos não mostraram sinais de abrandamento. O último caso de coronavírus envolvendo carne bovina brasileira foi relatado recentemente, em 3 de janeiro.

As exigências de inspeção levaram a uma queda notável na disponibilidade de carne bovina, e os supermercados relataram falta de estoque devido a atrasos logísticos causados por testes. Os importadores também fizeram menos pedidos devido aos custos mais altos para atender às exigências alfandegárias, e ao risco de perder remessas inteiras no caso de um teste positivo.

Enquanto o coronavírus não for totalmente eliminado nos países produtores, é provável que o governo chinês mantenha exigências maiores de testes. As autoridades encontraram até mesmo vestígios do vírus em carne importada da Nova Zelândia, que em grande parte já havia eliminado a transmissão local.

Um “novo normal” com restrições prolongadas ao comércio poderia resultar em menores volumes e preços para os fornecedores sul-americanos, pois os



Consumidores chineses estão atentos a questões de segurança alimentar. A China já presenciou uma série de escândalos no setor alimentício.
Foto: Alamy

compradores se voltam para fontes nacionais de proteína, tais como carne suína e de aves, que podem ser consideradas mais seguras. Países com menor transmissão de coronavírus, tais como Austrália e Nova Zelândia, também podem ser favorecidos.

Além do efeito imediato sobre o comércio, os produtores também estão preocupados com o impacto a longo prazo sobre a reputação da carne bovina sul-americana. Os consumidores chineses têm sido historicamente exigentes quanto à segurança alimentar, após uma série de escândalos envolvendo desde leite de fórmula para bebês até óleo de cozinha.

Tradicionalmente, os produtos importados são vistos como alternativas mais seguras e de maior qualidade do que seus homólogos nacionais, mas essa percepção tem mudado à medida que as autoridades intensificaram sua campanha de testes do coronavírus. Países

como o Brasil, Argentina e Uruguai construíram cuidadosamente a reputação de sua carne bovina durante muitos anos, posicionando-a como um produto seguro e premium.

“Antes da pandemia, por seis anos consecutivos, fomos à exposição anual internacional de carne realizada em Shanghai para promover a carne bovina Angus argentina”, diz Harris. “É incrível ver como o importador e o consumidor chineses mudaram durante esses seis anos, percebendo que há uma verdadeira diferença na qualidade de nossa carne”.

No entanto, Harris tem esperança de que os novos controles e restrições sejam apenas temporários.

“Não creio que o governo chinês continuará implementando esses controles por muito mais tempo, porque eles não se baseiam em provas científicas reais”, diz ele. “A China precisa comer, precisa de proteína”.

A soja sul-americana deslanchou com a guerra comercial. Biden pode mudar isso?

Para analistas e representantes do setor agrícola, o novo presidente americano não deve alterar de forma significativa o mercado de soja latino-americano

Ainda durante a campanha presidencial, Biden já demonstrou a alta relevância que dá a questões climáticas. Resta saber como isso mudará o rumo da soja sul-americana.

Foto: Alamy



A eleição de Joe Biden criou uma expectativa de volta à normalidade na relação dos Estados Unidos com o resto do mundo. A campanha e os discursos iniciais do presidente mostraram que a retórica contra organismos internacionais, o nacionalismo exacerbado e o negacionismo científico devem ficar para trás.

Mas os atritos nas relações com a China, uma marca forte do governo Trump, e muitas de suas consequências — a guerra comercial sendo a mais visível delas — não vão embora tão fácil.

Por isso, segundo analistas, o mercado de

soja da América do Sul não deve encolher para dar espaço aos Estados Unidos, como muitos temem, em um futuro próximo. Conforme as fontes do mercado consultadas pelo Diálogo Chino, Biden representaria mais continuísmo que mudança nesta área.

“De forma geral, vejo Biden seguindo uma rota similar a Trump. Não vejo uma mudança profunda na situação política em relação ao mercado de exportação de commodities”, analisa Wilhelm Uffelmann, sócio e líder do setor de alimentação e agronegócio da consultoria Roland Berger.

Desde 1968, a soja é o cultivo que mais cresceu em área plantada no mundo. Conforme dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), 122 milhões de hectares são destinados à cultura em todo o planeta. Os Estados Unidos são o segundo maior produtor de soja do planeta, atrás apenas do Brasil. O principal destino da commodity é a China.

O Diálogo Chino conversou com analistas de mercado e representantes do setor sojeiro para entender o que podemos esperar após a posse de Joe Biden como presidente.

OLHOS VOLTADOS À SOJA SUL-AMERICANA

A cada ano, o número de habitantes no mundo cresce o equivalente a uma Alemanha, ou 81

milhões de pessoas, e o consumo de carne, 1,4%. É esta crescente demanda por proteína que pressiona as principais regiões produtoras.

A soja é a principal fonte de proteína no mundo, especialmente por servir como base para a alimentação animal – cerca de 80% da produção global do grão vira ração para os rebanhos.

Quase metade da soja do mundo é colhida em plantações na América do Sul. Como maior produtor mundial, o Brasil dedica cerca de 38 milhões de hectares plantados, uma área maior que o Japão. A Argentina e o Paraguai também são importantes produtores, com respectivamente 17,7 e 3,6 milhões de hectares plantados na safra 2019/2020.

Grande parte desse contingente é exportado para a China, que vem investindo em infraestrutura na região para garantir o escoamento da commodity. Apesar da busca chinesa por outros mercados, como países africanos, produtores sul-americanos ainda não temem um impacto significativo sobre suas vendas.

“Acredito que nos próximos 30 anos a África deverá mostrar força, mas com tecnologia inferior à brasileira. Questões políticas locais dificultam muito os investimentos na África”, avaliou Bartolomeu Braz Pereira, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja).

CONTINUIDADE DA DISPUTA COMERCIAL

Foi Donald Trump quem inaugurou a guerra comercial com a China, impondo barreiras tarifárias que prejudicaram a exportação de commodities de produtores locais. Em 2016, último ano do governo Barack Obama, as exportações de soja dos Estados Unidos para a China alcançaram o valor de 14,2 bilhões de dólares, um recorde até então. Dois anos depois, no auge da disputa protagonizada por Trump, o valor negociado despencou e foi a 3,1 bilhões de dólares.

Uma consequência do conflito foi o aumento vertiginoso das importações chinesas de soja oriunda da América do Sul, em especial do Brasil. Em 2018, o país enviou uma quantidade 35% maior do grão em comparação ao ano anterior.

Entretanto, apesar das diferenças entre Biden e Trump, é incerto se o novo presidente irá flexibilizar a guerra de tarifas entre os dois países durante seu mandato. Em entrevista ao jornal New

38 milhões

é o que o Brasil dedica ao plantio de soja em hectares plantados



Ainda não se sabe o rumo que Joe Biden pretende seguir na guerra comercial entre China e Estados Unidos. Analistas avaliam que não deve haver uma grande mudança.

Foto: Alamy

“

O Brasil não deixou de expandir a produção sobre o governo de Obama, de quem Biden era vice, e não deve deixar de fazê-lo sob Biden

York Times, Biden afirmou que não faria movimentos imediatos para levantar as tarifas antes de avaliar a primeira fase do acordo firmado para aliviar as tensões comerciais.

A conciliação permitiu que os chineses comprassem soja com tarifas anteriores ao aumento de 25% nas tarifas de importação impostos em 2018, como resposta a tarifas similares em cima de produtos chineses importados pelos Estados Unidos.

Para Daniele Siqueira, analista de mercado da AgRural, a eleição de Joe Biden não deve afetar de forma significativa o mercado de soja em relação à guerra comercial. “A disputa tende a continuar, mas sem tantos solavancos como no governo Trump. A [primeira] fase do acordo já trouxe uma certa normalidade ao mercado”, afirma.

Pelo lado chinês, ainda que haja uma retomada da compra de soja

norte-americana, a tendência é que o país asiático diversifique seus fornecedores, com investimentos domésticos e em países africanos. Mas ainda há vantagens no mercado sul-americano.

“Por enquanto, a China tem tentado se desprender da oleaginosa norte-americana, até mesmo porque a soja sul-americana tem maior concentração de proteína”, o que a torna mais atrativa para alimentação de animais, explica João Fernandes Silva, analista de mercado da PRIMA-Markets.

QUESTÃO AMBIENTAL

Apesar de as conquistas do agronegócio brasileiro serem robustas, a questão ambiental pode se tornar uma pedra no sapato mais difícil de suportar no governo Biden. No


debate de 29 de setembro de 2020, Biden acusou Donald Trump de não agir em prol da preservação da Amazônia brasileira, afirmando que, caso fosse ele o presidente, buscaria recursos e, caso o Brasil não agisse contra o desmatamento, poderia sofrer “consequências econômicas significativas”.

Tradicionalmente, a soja é plantada em pastagens no sul e centro-oeste brasileiros, especialmente no Cerrado. Estima-se que esse bioma já perdeu 50%

de sua cobertura original. Mas o cultivo de soja está se expandindo para outros biomas, inclusive a Amazônia Legal e já há questionamentos fortes à continuidade da Moratória da Soja, que bloqueou a comercialização de grãos produzidos em áreas desmatadas da floresta depois de 2006.

No Paraguai, a soja é plantada em sua maioria em terras de Mata Atlântica, porém uma moratória desacelerou o plantio no bioma e

empurrou as novas áreas de soja e pastagens em direção ao Gran Chaco, outro bioma em perigo.

Entretanto, não está claro se, de fato, Biden vai agir em prol da preservação do meio ambiente nos países latino-americanos em detrimento dos interesses econômicos dos Estados Unidos. “O Brasil não deixou de expandir a produção sobre o governo de Obama, de quem Biden era vice, e não deve deixar de fazê-lo sob Biden”, pontua Siqueira, da AgRural. 

[Flávia Milhorange](#)

Como a agroindústria ilhou o Xingu, mais antiga reserva indígena do Brasil

Fronteira agrícola avança na bacia do Xingu, que acumula maiores taxas de desmatamento da Amazônia, enquanto abriga 16 etnias indígenas

Watatakalu Yawalapiti tem 40 anos. Nasceu na aldeia Amakapuku, que é abraçada por uma extensa floresta preservada no coração do Brasil. Passou boa parte da infância nas areias brancas e águas límpidas do rio Tuatuari. Na outra parte, ficava sentada em roda ouvindo o bisavô contar histórias, como a de que o homem branco chegaria com uma lâmina enorme e cortaria os troncos das árvores como se raspam os pelos do corpo.

“Todo mundo ria porque ninguém pensava que isso fosse verdade”, diz ao telefone para logo em seguida resgatar na memória uma cantiga na língua yawalapiti que o bisavô cantava para narrar a lenda.

Yawalapiti, hoje uma liderança indígena local, cresceu protegida pelas fronteiras do território indígena do Xingu (TIX), entre os estados de Mato Grosso e Pará. O Xingu foi a primeira reserva indígena

demarcada pelo governo brasileiro, instituída há 60 anos para preservar a biodiversidade e as 16 etnias que ali habitam.

Dentro de uma área maior que Israel, Yawalapiti viveu a calma da passagem do tempo marcada pelas estações chuvosa e seca. Já do lado de fora, o tempo corria mais depressa. Cada vez que cruzava os 290 quilômetros da aldeia à cidade mais próxima, de Canarana, a floresta



consolidação avançada do agronegócio, com grupos multinacionais e seus imensos silos investindo pesadíssimo”, explica Ivã Bocchini, do Programa Xingu, do Instituto Socioambiental.

Multinacionais como as americanas Bunge e Cargill, a chinesa Cofco e a brasileira Amaggi têm forte atuação na região, segundo dados da plataforma Trase, que rastreia o risco de desmatamento em cadeias de suprimento.

Como restam poucas áreas desocupadas, as fazendas e reservas se dispõem lado a lado. São como bordas de dois mundos que se tocam sem se cruzarem. Mas as consequências do acúmulo de desmatamento e da monocultura ultrapassam fronteiras.

Watatakalu Yawalapiti diz que seu povo, que divide a reserva com outras 15 etnias, percebeu o clima mudar. O sol ficou mais quente, o período seco mais longo, o rio mais raso e turvo, o peixe mais escasso. Viveram anos de fome e viram poços artesanais surgirem: “A gente não bebe mais água de rio, não é mais limpa”.

Outros distúrbios vêm do aumento da população de porcos do mato, que se alimentam de milho e soja das plantações e invadem as roças de pequenos agricultores e indígenas.

Estudos confirmam o que os Yawalapiti experienciam. Eles mostram que as chuvas são mais fracas nos municípios que rodeiam o

encurtava e a lavoura crescia. A fábula do bisavô ia ganhando contornos reais.

Nos últimos 20 anos, a região ao redor da terra de Yawalapiti se transformou em um polo produtor de soja, milho, algodão e carne, conectado por rodovias e ferrovias. O entorno do Xingu concentra, hoje, 10% das exportações de soja no Brasil.

Enquanto a fronteira agrícola avança pela bacia do Xingu, as exportações seguem batendo recordes. Ao mesmo tempo, ali é onde se acumula o maior desmatamento da Amazônia.

O presidente brasileiro Jair Bolsonaro apóia a abertura da floresta à mineração e

à agricultura, provocando protestos de tribos do Xingu que se sentem ameaçadas.

Xingu, um caminhão de soja

Ao todo, 13 municípios no entorno do Xingu, incluindo Canarana, exportaram 8,7 milhões de toneladas de grãos em 2020, mais da metade para a China, segundo dados do comércio exterior (Comex).

Os mesmos municípios também exportaram 8,5 milhões de toneladas de milho - que tem sua cultura intercalada com a soja - o que representa um quarto dos embarques do ano passado.

“No lado leste, onde está Querência, e sul, com Canarana, existe uma



Expansão da soja chega cada vez mais perto do território indígena do Xingu

território do Xingu por onde o desmatamento avança. Com menos chuvas, a seca é mais intensa, e as queimadas, mais frequentes.

A construção de milhares de barragens e reservatórios para a pecuária, agricultura e geração elétrica também altera o fluxo dos cursos d'água da bacia do Xingu. A barragem da hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, ameaça a própria sobrevivência do rio Xingu.

Essa bacia nasce do Cerrado, no Mato Grosso, e segue por 531 mil quilômetros quadrados em direção à Amazônia, no Pará. Mais da metade dela está abrigada pelas áreas de preservação, mas as cabeceiras dos rios ficam sujeitas ao desmatamento e aos agrotóxicos.

“O agrotóxico é a pior ameaça, porque ela é silenciosa, e o TIX é como um ralo para onde escorrem os rios”, exemplifica Bocchini, que assessora organizações indígenas do Xingu.

Em uma década, a área plantada de grãos ao redor do território do Xingu cresceu 135%, e uso de agrotóxicos, 130%. Mais recentemente, o algodão, grande consumidor de agrotóxicos, começou a despontar. Municípios do Xingu mais do que dobraram a exportação de algodão na última década, fechando 2020 com 31 mil toneladas exportadas, mostra o Comex. O principal importador é a China.

Três irmãos e sua campanha para proteger o Xingu

As transformações da paisagem na bacia do Xingu seguem o rastro da interiorização patrocinada pelo governo Getúlio Vargas. A partir de 1943, a expedição Roncador-Xingu deixou Leopoldina, em Minas Gerais, e seguiu a noroeste, cortando o Brasil Central.

A expedição, composta em sua maioria por garimpeiros “sem lei”, abriu 1.500 quilômetros de rotas e ergueu campos de pouso e bases militares. Cidades foram surgindo nesse trajeto.

Mas, por um acaso, a expedição não serviu apenas para preencher os brancos da cartografia brasileira. Por falta de financiamento, ela estagnou no Alto Xingu, no Mato Grosso, onde os líderes, os irmãos Villas Bôas, estabeleceram contato com povos indígenas.

“O objetivo da nossa expedição não tinha nada a ver com índio, ele foi um acidente na marca da expedição”, contou Orlando, o irmão mais velho, numa entrevista em 2000.

Orlando, Cláudio e Leonardo eram jovens “pequenos-burgueses paulistas”, como escreveu o antropólogo Darcy Ribeiro, que deixaram suas “vidinhas burocráticas medíocres” em busca de aventura após a morte dos pais, segundo descreve o livro “A Marcha Para o Oeste”. Encontraram uma causa.

“

A soja está entrando muito rápido, e esse pessoal, se puder, não deixa nem uma árvore de pé

O risco de o modelo agroindustrial se sobrepor ao modo de vida indígena já existia na época, e os irmãos Villas Bôas se aliaram a lideranças locais, como Paru Yawalapiti, avô de Watatakalu, numa campanha de quase uma década pela demarcação da reserva.

“Meu avô fez parte da expedição junto com os Villas Bôas, meu pai aprendeu a ler com a irmã deles, Maria de Lourdes”, lembra Watatakalu.

Uma oferta para colonizar a floresta

Com um novo impulso do governo para colonizar o Brasil Central nos anos 1970, o desmatamento em larga escala começou a contornar os territórios do Xingu. A partir dos anos 2000, a demanda internacional por commodities injetou mais ânimo à atividade.

Após pressões pela conservação da Amazônia, medidas incluindo multas ambientais, suspensão do crédito agrícola e pactos com empresas do setor contiveram o desmatamento na última década. Mas uma recente onda de destruição voltou

40%

da carne bovina vinda da região do Xingu foi exportada para a China em 2020

a preocupar.

Extração madeireira, pecuária e sojicultura influenciam direta ou indiretamente na expansão da fronteira agrícola da Amazônia. Na região da bacia do Xingu, isso fica claro: se a soja já está consolidada ao sul, a madeira e a pecuária estão ativas do meio para o norte da bacia.

Dados do Comex mostram que 18 municípios da região do Xingu exportaram 18,3 mil toneladas de madeira em 2020, principalmente os paraenses. Também foram exportadas 14,8 mil toneladas de carne bovina — 40% para a China.

Encorajado pela Moratória da Soja, um pacto que impediu a exportação de soja plantadas em

áreas desmatadas depois de 2006, o setor ocupa áreas já abertas por outras atividades. Com isso, comemora que o desmatamento da Amazônia destinado a plantações hoje é residual. Mas o impacto da monocultura vai além das fazendas. Obras de infraestrutura que promovem seu desenvolvimento são grandes vetores de abertura de áreas de florestas.

Edeon Vaz foi produtor de soja em Mato Grosso, mas na última década decidiu impulsionar o setor de outra forma: mudou-se para Brasília com a missão de viabilizar a infraestrutura logística com vias de reduzir o custo da produção agrícola.

“Participamos desde a criação dos marcos regulatórios até a negociação de emendas parlamentares, e fazemos a cobrança quanto ao andamento das obras, tudo isso leva muito tempo e temos que ficar em cima do governo”, diz Vaz, diretor-executivo do Movimento Pró-Logística de Mato Grosso e consultor do setor de grãos.

A BR-163, no trecho entre Cuiabá e Santarém, está na lista de suas missões cumpridas. A ferrovia Ferrogrão e as dezenas de portos industriais nos rios da Amazônia fazem parte do mesmo corredor.

Mas povos das terras indígenas Baú, Menkragnoti e Panará dizem sofrer os

impactos da pavimentação da rodovia, que impulsionou a grilagem, o desmatamento e as queimadas na região norte da bacia do Xingu, como denunciam organizações indígenas.

A rodovia começou a ser construída pelo governo militar na década de 1970 e deixou marcas na história dos Panará. “Foi um desastre”, afirma Paulo Junqueira, que assessora os povos da região pelo Instituto Socioambiental. “A BR-163 passou por cima do território e trouxe doenças infecciosas que mataram centenas de pessoas”.

Os povos foram transferidos para o Xingu e só conseguiram voltar a seu território original duas décadas depois, em 1996.

Encurralados

Winti Khĩsêjtê, de 47 anos, nasceu e cresceu na terra indígena Wawi, parte do município de Querência, no Mato Grosso, e há menos de cinco anos sentiu a chegada do agronegócio.

“A soja já está bem no nosso limite”, conta o líder indígena. “E a população já vinha sofrendo a piora da água, que estava dando problemas de pele e diarreia”.

Preocupada com a produção orgânica de mel e pequi, sua comunidade finalizou este ano a mudança da aldeia que entrou 20 quilômetros floresta adentro. “Ficamos com medo de o agrotóxico, que é pulverizado dos

aviões, atingir nossa produção”, explica.

“Largamos tudo para fazer tudo novo: moradia, escola, posto de saúde”, diz Khĩsêjtê. “Mas temos receio de como vai ser no futuro, se a situação vai se estabilizar ou piorar ainda mais”.

“

O empecilho não é financeiro, porque há várias organizações querendo apoiar iniciativas de restauração

Novas ondas de desmatamento

O agricultor Acrísio Luiz dos Reis vive em Canabrava do Norte, um município ao sul da região do Xingu, que enfrenta uma onda recente de desmatamento.

“A soja está entrando muito rápido, e esse pessoal, se puder, não deixa nem uma árvore de pé”, comenta o agricultor. “Eu acho isso ruim demais, porque, com o conhecimento que a gente tem, quanto mais se desmata, pior fica; menos água, mais calor”.

Ele se preocupa também com a especulação

imobiliária que costuma acompanhar a entrada dos novos vizinhos e já é realidade em Canabrava. “Até quatro anos atrás, tinha terra por dez mil reais, até menos, o alqueire; agora está em 150 mil reais”, exemplifica.

O mineiro chegou a Canabrava em 1985 e hoje vive num lote de 50 hectares no assentamento Manah, concedido pelo programa de reforma agrária. “Só saio daqui num caixote de madeira agora. Gosto demais daqui, realizei meu sonho”, contou o agricultor de 70 anos. “Tenho um gadinho, mexo com leite, planto uma hortinha e um pouco de fruticultura”.

Rede de cultivo de sementes

Em áreas da bacia do Xingu onde o desmatamento está avançando, grupos indígenas e ambientalistas locais lutam para reduzir o estrago. Mas onde o dano já foi feito anos atrás, a restauração de terras está em andamento.

Desde 2008, Reis ainda complementa a renda com a coleta de sementes nativas, incluindo angíco, cajazinha, jatobá e guaritá, encontrada na área de transição entre Cerrado e Amazônia. Ele é um dos pioneiros da Rede de Sementes do Xingu, um projeto que promove o plantio de mudas para restaurar áreas degradadas pela agroindústria.

A iniciativa, que surgiu depois de grupos locais notarem a piora da qualidade da água e a escassez de peixes e tartarugas, acabou promovendo um raro diálogo. De um lado, fazendeiros com passivos ambientais estimulam a rede, e, de outro, pequenos agricultores e indígenas coletam sementes. Hoje, são 600 coletores de 16 municípios da bacia do Xingu.

“Nas áreas plantadas, notamos a fauna retornando e a água mais abundante”, comemora Bruna Ferreira, diretora da Associação Rede de Sementes do Xingu.

Mas o trabalho é de formiga: em 13 anos de iniciativa, a rede restaurou 6 mil dos mais de 200 mil hectares degradados na região. “O empecilho não é financeiro,

porque há várias organizações querendo apoiar iniciativas de restauração”, diz Ferreira.

Hoje o maior problema é a falta de fiscalização e de interesse de grandes desmatadores de participar. “Nós somos procurados por fazendeiros que precisam restaurar e querem ser parceiros, mas é muito aquém do tamanho do estrago”, completa. 🇧🇷

[Livia Machado Costa](#)

‘A prioridade absoluta para a China continua sendo a segurança alimentar’

Larissa Wachholz, do Ministério da Agricultura, diz que o 14º Plano Quinquenal traz oportunidades ao Brasil e não deve resultar em restrições à carne ou soja



Para Larissa Wachholz, chefe do Núcleo China do Ministério da Agricultura, cláusulas de sustentabilidade implementadas por Pequim não devem abalar as relações comerciais entre os dois países. Foto: Larissa Wachholz Divulgação- MAPA

As commodities brasileiras continuarão a ter grande apetite na China apesar dos desafios de garantir a sustentabilidade das cadeias produtivas da carne e da soja. É o que defende Larissa Wachholz, chefe do Núcleo China do Ministério da Agricultura, que argumenta que a “prioridade absoluta” do país asiático é garantir sua segurança alimentar.

Em trechos de entrevista ao *Diálogo Chino*, Wachholz diz que a China é exigente em termos sanitários, mas que não deve impor cláusulas de sustentabilidade, como a de rastreabilidade da carne

produzida na Amazônia, uma vez que elas dificultariam o acesso do país a itens “absolutamente necessários” à sua população.

A China impulsionou recordes do agronegócio brasileiro em 2020, e, para Wachholz, o lançamento do 14º Plano Quinquenal da China traz novas oportunidades de cooperação.

Diálogo Chino (DC): O 14º Plano Quinquenal (14 FYP, na sigla em inglês) da China é o primeiro desde que o presidente Xi Jinping anunciou a ambiciosa meta de neutralizar as emissões

de carbono da China até 2060. Que conversas o 14 FYP iniciou dentro do Ministério da Agricultura para que o Brasil aproveite novas oportunidades?

Larissa Wachholz (LW):

Do documento que nós vimos, há três pontos que são bem interessantes para a agropecuária brasileira. Primeiro, é muito interessante ver que, no 14º Plano Quinquenal da China, houve uma ênfase enorme ao combate à pobreza e revitalização rural. Nos deparamos com essa mesma questão e trabalhamos para avançar nesse ponto também. No Brasil, fica notória a capacidade de geração de emprego e incremento de renda em cidades que se desenvolveram a partir do crescimento econômico do agronegócio. Inclusive, vemos a melhora dos índices de crescimento humano (IDH) a partir do agronegócio em determinadas regiões do país.

Segundo, vale a pena pensar em uma das premissas do nosso plano de agricultura de baixo carbono, o Plano ABC. O Brasil tem a oportunidade de mostrar a sustentabilidade da sua agricultura. Temos a capacidade de produzir e aumentar a produção de produtos neutros em carbono. A Embrapa já entregou um protocolo de carne e carbono neutro, que já está em uso pelo setor privado. Hoje, consumidores em algumas cidades brasileiras já têm a oportunidade de ir ao supermercado



Apesar da pandemia, o ano de 2020 foi a segunda melhor década para o agronegócio brasileiro.
Foto: Alamy

comprar carne carbono neutro. O grande desafio dessa produção neutra em carbono é conseguir escala. E talvez tenhamos uma oportunidade de colaboração entre a China e o Brasil na ampliação dos programas que nos permitam elevar essa produção.

Somos líderes no uso de biocombustíveis e na produção de biodiesel, ou seja, temos a agricultura contribuindo para a redução de emissões até de outros setores. Com isso, não estou dizendo que não temos grandes desafios pela frente. Temos. Sobretudo o combate ao desmatamento ilegal. E temos um grande trabalho de implementação plena do Código Florestal.

Por último, a segurança alimentar e o estímulo ao consumo interno da China

são dois aspectos que já estiveram presentes em outros planos e que também ajudam a contar a história da relação do Brasil e da China no agronegócio. Nossas exportações agrícolas são fundamentais para garantir a segurança alimentar da China, que é um objetivo absolutamente estratégico para a sociedade chinesa. E mesmo durante esse período mais recente de pandemia, as exportações do Brasil, não apenas para a China, mas para o mundo, se mantiveram. Nossos contratos foram todos cumpridos.

DC: Como os produtores e os fornecedores de soja e gado do Brasil estão preparados em termos tecnológicos e financeiros para adaptar seus sistemas produtivos caso a China implemente cláusulas de

sustentabilidade mais duras?

LW: A gente já viu isso se refletir aqui no Brasil, no caso das compras de soja da Cofco International. Do meu ponto de vista, esse movimento de fato tende a se fortalecer, mas eu tomaria muito cuidado em relação ao timing.

A prioridade absoluta para a China continua sendo a segurança alimentar. Eu não vejo a China impondo cláusulas que dificultariam o seu próprio acesso a itens que são absolutamente necessários para assegurar a sua segurança alimentar. O que eu acho que pode acontecer, e acho que é uma grande oportunidade para o Brasil, é, a partir dessa maior discussão sobre questões ambientais na China, mostrar aos chineses nossa capacidade de também entregar produtos que sejam carbono neutro.

Temos técnicas, temos tecnologia, sabemos como fazer, mas para ter escala, ele vai precisar de mais recursos. Então acho que há sim uma área de colaboração possível entre Brasil e China, que é dar escala a iniciativas que a gente já tem aqui no Brasil. E acho que especialmente para carne carbono neutro, isso é uma grande oportunidade.

Não vejo a China impondo cláusulas que não possam ser cumpridas, não vejo a China criando dificuldades para que ela mesma tenha acesso a produtos que são essenciais à segurança alimentar dela. O que acho possível é que a China

“

Não vemos hoje o consumidor chinês pronto para fazer o mesmo nível de demanda de rastreabilidade da carne que fazem consumidores europeus

busque mecanismos de incentivo ao aumento de eventuais critérios para produtos que ela compre.

DC: O que falta para o Brasil atrair mais investimentos verdes para o setor da agricultura e da pecuária?

LW: Não acho que falte ao Brasil essa possibilidade [de atrair investimentos verdes]. No caso do Plano ABC, por exemplo, nós já trabalhamos com outros países que, justamente, nos ajudam a colocar esses planos de pé. Então não acho que haja carência, que temos dificuldades de receber esses capitais. A gente está se estruturando, mas uma das pautas que a ministra [da Agricultura, Tereza Cristina] tem alavancado dentro do ministério são as opções de financiamento do setor privado.

DC: Que tipos de mudanças o ministério prevê na

demanda chinesa nas próximas décadas em um cenário pós-pandemia?

LW: As principais tendências de mudança são duas: uma em termos de produto e outra em termos de acesso a esses produtos. A primeira tem relação com produtos agrícolas de maior valor agregado, como carnes, lácteos, castanhas e frutas — esse segmento de produtos que são da agropecuária, mas que têm maior valor agregado frente a commodities tradicionais, como soja, por exemplo. Nossas carnes são bastante demandadas pela China, tanto a bovina quanto a de frango e suína. É claro que isso ocorreu dentro de um contexto muito peculiar na China, que foi a peste suína africana e as questões comerciais entre os Estados Unidos e a China.

Temos pela frente, nesse momento pós-pandemia, que aumentar nossa presença física na China, mas isso depende muito mais do setor produtivo do que do ministério. Nosso papel é abrir mercado, mas o setor produtivo tem que estar lá. Eu queria ressaltar a forma como esses alimentos são consumidos ou comprados pelo consumidor, que já era uma tendência pré-pandemia, mas se fortaleceu enormemente: o mercado eletrônico. Há estimativas de que, daqui a dez anos, cerca de 30% a 35% do comércio internacional da China virá do comércio eletrônico, o que é uma mudança radical.

O ministério tem acompanhado essas

tendências, temos discutido isso internamente, a Apex-Brasil [Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos] tem iniciativas super interessantes de capacitação de empresas brasileiras para exportação de seus produtos por meio do comércio eletrônico, com produtos como frutas brasileiras, mel, própolis, o que acaba abrindo uma janela de oportunidades para pequenas e médias empresas do agronegócio, e isso é muito interessante.


DC: Em relação à rastreabilidade da carne, vemos que o mercado chinês é menos exigente do que o mercado europeu. Você enxerga alguma mudança de tendência?

LW: Eu acho que essa fase da pandemia ressaltou um aspecto que já é muito importante para

o consumidor chinês de forma geral, que é a questão da qualidade do alimento, da qualidade sanitária. O consumidor chinês é um dos mais preocupados do mundo com a sanidade do alimento. E nesse ponto, o Brasil mais do que provou suas capacidades de entregar um alimento de muita qualidade, um alimento adequado do ponto de vista sanitário, e os chineses sabem disso.

Não vemos hoje o consumidor chinês pronto para fazer o mesmo nível de demanda de rastreabilidade da carne que fazem consumidores europeus, por exemplo. A gente vê o consumidor chinês muito mais preocupado com essa questão da sanidade. Quando ele tem uma preocupação ambiental com o produto que está consumindo, tem mais a ver com uma

experiência pessoal na China de poluição intensa em determinadas regiões e que, portanto, leva o consumidor chinês a associar a ideia de ausência de poluição a um produto adequado do ponto de vista sanitário. Isso é muito importante para o consumidor chinês, e essa é a imagem que ele tem do Brasil.

Não vemos ainda que o consumidor chinês esteja pronto para fazer essas demandas de rastreabilidade no curto prazo, talvez nem no médio prazo. Precisamos pensar se ele vai estar pronto para pagar por um produto que dê essas garantias, porque é um produto mais caro. A China é um país em desenvolvimento que tem uma classe média emergente, que quer consumir mais carne, mas que precisa que essa carne esteja a um preço razoável. 



Apesar de preocupações com sustentabilidade da agricultura, China não deve impor cláusulas que prejudiquem a segurança alimentar do país, avalia Wachholz. Foto: Alamy

O boom da soja na Argentina está chegando ao fim?

Com incentivos e preocupações ambientais, agricultores direcionam maior atenção para cultura de milho e trigo



Plantação de milho em Buenos Aires, Argentina.
Foto: Alamy

A Argentina plantará a menor quantidade de soja em uma década neste ano. O milho e o trigo começaram a ofuscar a oleaginosa, que tem crescido cada vez menos a cada ano.

Em 2014 a proporção de hectares de soja semeada em comparação com milho ou trigo era de 4:4, mas este ano ela caiu para 1:4. Diferentemente do “mar de soja” que ocupava a planície dos pampas argentinos nos últimos anos, espera-se uma produção recorde de milho neste ciclo agrícola, com até 5% a mais de área cultivada.

Uma combinação de fatores, incluindo incentivos comerciais e danos ambientais, levou

“

O país da soja acabou, só resta o mito

produtores a se afastarem do protagonista do boom das commodities do início dos anos 2000. Hoje, está mais claro que a maior diversidade de culturas pode trazer benefícios ambientais, como proteção contra eventos climáticos extremos e solos mais saudáveis.

“Esta é uma mudança drástica em relação há sete ou oito anos. Teremos a estação mais variada

e sustentável da última década”, disse o agrônomo Cristian Russo, da Bolsa de Valores de Rosário, o coração comercial do complexo agrícola da Argentina.

“Há sete anos, o meio rural era todo de soja, e para cada parcela de trigo ou milho, havia cinco de feijão. Hoje somos quase um por um, a mudança é impressionante. A rotação de culturas é uma prática mais eficiente, mais barata e mais sustentável”, acrescentou ele.

NOVA PAISAGEM AGRÍCOLA DA ARGENTINA

Um novo relatório produzido por Russo revela que, este ano, espera-se um aumento de 7,73 milhões de hectares de

área plantada de milho, com uma produção recorde de 54 milhões de toneladas. A produção de trigo também crescerá 3% a mais do que no ano passado, produzindo um total de 6,7 milhões de hectares. Russo prevê uma colheita recorde de 20 milhões de toneladas.

No ano passado, a Argentina plantou 16,9 milhões de hectares de soja, produzindo 45 milhões de toneladas. Embora ainda seja muito cedo para estimar a área plantada este ano, Russo estima que essa área “cairá em pelo menos 100 mil hectares”.

De acordo com um relatório da consultoria Agrobrowsers, a Argentina produzirá 51 milhões de toneladas de milho este ano, das quais 36 milhões de toneladas serão exportadas. Isto é mais do dobro da quantidade produzida em 2010 — cerca de 22,5 milhões de toneladas, das quais 13 milhões foram exportadas. O mesmo processo está ocorrendo com o trigo.

Já a soja está no movimento contrário. Enquanto em 2010, a Argentina colheu 54,4 milhões de toneladas de grãos e exportou 9,5 milhões de toneladas, em 2021 colheu 52 milhões de toneladas e exportou 6,3 milhões de toneladas. O pico veio na estação 2015/2016, quando a produção atingiu 58,5 milhões de toneladas.

“É um declínio sustentado”, insistiu Russo. “O país da

30%

É a taxa do imposto cobrado sobre as exportações de soja argentina

soja acabou, só resta o mito”.

Os produtores atestam a mudança. Mauricio Kunicic é um agricultor e assessor agrícola que trabalha em uma área de cerca de 7.000 hectares entre as províncias de Santa Fé, Córdoba e Santiago del Estero. Como quase todos os seus colegas, no início dos anos 2010, ele se voltou quase exclusivamente para a soja. “Tínhamos apenas 50 hectares de milho e 50 hectares de trigo, era extremo”, afirmou.

Hoje, ele cultiva 30% de milho e trigo e planeja passar para 40% de cada cultura em um futuro próximo. “Faz mais sentido cultivar uma rotação com milho e trigo do que apenas soja porque o agricultor prefere um sistema que proteja o solo”, explicou.

SOJA ARGENTINA: UMA EQUAÇÃO ECONÔMICA

Para a Argentina, os impostos de exportação são um fator-chave para agricultores decidirem por uma cultura. As mudanças introduzidas pelo governo de Mauricio Macri (2015-2019), que cortou os impostos sobre milho e

trigo, mas manteve uma taxa de 30% sobre a soja, explicam a mudança.

“Quando Macri baixou os impostos sobre milho e trigo, tudo começou a mudar. Na realidade, voltamos à rotação tradicional, porque os anos da monocultura da soja foram excepcionais”, disse Kunicic.

Para Fernando Botta, chefe da empresa de consultoria Agrobrowsers, a maioria dos produtores abandonou a monocultura de soja, mesmo que o milho seja um grão que requer um investimento inicial maior.

“O custo de plantar milho ainda é uma restrição de curto prazo para uma agricultura sustentável, mas todos nós aprendemos que o custo da agricultura insustentável é muito maior e estamos dispostos a fazer um esforço”, disse Botta.

Alejandro Ricordi, que cultiva cerca de 800 hectares na província de Córdoba, resumiu sua razão para a troca: “Antes só tínhamos soja, mas agora também temos milho e trigo. O milho é caro, você tem que fertilizar mais e a semente é mais cara, mas rende muito e cuida melhor do solo”.

Com margens de lucro mais altas do que a soja, o milho poderia ser a nova cultura central da Argentina.

CUIDAR DO SOLO É CUIDAR DO CAPITAL

A monocultura da soja acelerou a erosão do solo, um problema que afeta 36% do território da Argentina. Os produtores observam este processo em seus campos, o que às vezes lhes traz custos financeiros.

“Quando não se para de cultivar soja, os mesmos nutrientes são sempre retirados do solo, então é como se o solo estivesse enfraquecendo”, disse Ricordi.

A rotação melhora o solo e permite melhores rendimentos para todas as culturas, acrescentou Ricordi.

Já Kunicic argumenta que “é impossível” sustentar um modelo baseado na monocultura. “Ele traz muitas doenças e ervas daninhas, algo que também é melhorado pela rotação de culturas porque você rotaciona herbicidas, incorpora restolho e fertilizantes, e tudo isso acrescenta mais carbono ao sistema”, afirmou.

De acordo com Botta, a nova geração de produtores entende que prejudicar o solo para obter ganhos a curto prazo prejudica o bem-estar futuro.

“A planície pampeana era

uma pradaria de capim de inverno, que foi substituída por uma safra de verão, a soja. Isso trouxe consequências”, disse Botta, acrescentando: “Os produtores aprenderam de maneira difícil que, mesmo que as políticas comerciais os direcionem a curto prazo, a destruição do solo é muito mais cara a médio e longo prazo”.

ERVAS DANINHAS: INIMIGO PODEROSO E CARO

O surgimento de ervas daninhas resistentes aos herbicidas mais comumente usados para tratar a soja — infamemente, o glifosato — mudou a equação econômica para os produtores e complicou o bem-estar das culturas de grãos.

“Muitos problemas com ervas daninhas e pragas estavam aparecendo devido à não-rotação, o que aumentou a pressão sobre o sistema. As ervas daninhas resistentes são uma dor de cabeça para os agricultores e exigem muito dinheiro para controlar”, argumentou Russo.

Em contraste, o manejo do milho é mais simples: “É uma cultura muito cara para começar, mas uma vez plantada, ela se estabelece muito rapidamente e é uma planta muito eficiente”, frisou o agrônomo.

Kunicic acrescentou: “Hoje estamos procurando atacar ervas daninhas com

ferramentas que não são apenas herbicidas, como com a rotação de culturas. Isso ajuda porque garante maior biodiversidade”.


RISCOS CLIMÁTICOS

Em um país como a Argentina, onde o setor agroindustrial representa 24% da atividade econômica total, os efeitos das mudanças climáticas devem receber máxima atenção.

Segundo o Banco Mundial, a Argentina perde uma média de US\$ 1 bilhão em ativos por ano devido às enchentes. “Os eventos extremos (enchentes e secas) são os principais riscos climáticos do país. Desde 1980, o número de eventos pluviométricos extremos triplicou”, observou um relatório recente do órgão.

Em um cenário de forte variabilidade climática, a rotação de culturas reduz riscos.

“Este ano começou com uma enorme falta d’água e ainda assim a produção de milho nos surpreendeu porque resistiu muito melhor do que a de soja, já que é uma cultura que resiste melhor à falta d’água”, argumentou Russo.

Botta concorda e diz que o bom manejo do solo limitou o impacto da seca da última estação: “Sem rotação, teria sido muito pior. Sem dúvida, as culturas variáveis oferecem muito mais proteção contra eventos climáticos”. 



Pecuaristas da Argentina, do Paraguai e do Brasil estão trabalhando para tornar sua produção de carne bovina mais sustentável.
Foto: GRSB Argentina

[Fermín Koop, Manuela Andreoni](#)

América Latina dá os primeiros passos para uma carne bovina sustentável

Frigoríficos impulsionam a economia da região e, cientes da pegada ambiental da indústria, buscam soluções

A carne bovina é um dos principais produtos de exportação para muitos países da América Latina. Também se tornou uma grande dor de cabeça para os formuladores de políticas públicas, que estão cada vez mais sob a pressão de consumidores e investidores preocupados com os impactos ambientais e sociais das fazendas de gado.

Uma solução, no entanto, pode estar a caminho.

75%

da produção da pecuária da América Latina está concentrada em cinco países

Na última década, pecuaristas, organizações ambientalistas e governos

desenvolveram um conjunto de iniciativas destinadas a tornar a produção de carne bovina mais sustentável. Seu trabalho oferece um caminho para um número crescente de produtores que procuram explorar a demanda por produtos mais verdes.

A pecuária é responsável por 46% do PIB agrícola da América Latina e cinco países — Brasil, Uruguai, Paraguai, México e Argentina — são responsáveis por 75% da produção. O setor floresceu nas últimas décadas graças ao aumento da demanda da crescente classe média mundial, cujo apreço pela carne bovina

deve crescer por mais alguns anos.

A expansão, no entanto, se deu à custa do desmatamento ilegal, das crescentes emissões de gases de efeito estufa e da poluição da água, além de, em certos casos, violações de direitos trabalhistas por parte de frigoríficos e fazendas. As regiões mais afetadas são a floresta tropical amazônica brasileira e as partes árida e subtropical do bioma Chaco, na Argentina, Paraguai e Bolívia.

A AMÉRICA LATINA E A MESA REDONDA DA CARNE BOVINA SUSTENTÁVEL

A América Latina faz parte da mesa redonda global pela pecuária sustentável (GRSB, na sigla em inglês), uma iniciativa criada em 2011 com o objetivo de melhorar a cadeia de valor global da carne bovina. A organização, que tem presença na Argentina, Brasil, Paraguai, Colômbia e México, trabalha com pecuaristas, supermercados, frigoríficos e outros atores.

A GRSB define a carne bovina sustentável como um produto socialmente responsável, ambientalmente correto e economicamente viável que prioriza o planeta, as pessoas, os animais e o progresso. A cadeia de valor deve administrar os recursos naturais de forma responsável, respeitar os animais e garantir a segurança e a qualidade dos produtos de carne bovina.

O Brasil foi um dos primeiros países da região a tentar construir um caminho para a carne bovina sustentável, ao criar uma mesa redonda para discutir o tema em 2009, o Grupo de Trabalho Pecuária Sustentável. Especialistas do setor apontam frequentemente o relatório “A Farra do Boi na Amazônia”, publicado em 2009 pelo Greenpeace, como um momento decisivo para demonstrar a conexão entre as cadeias de abastecimento de carne bovina e o desmatamento.

O relatório levou grandes frigoríficos a prometerem total rastreabilidade, enquanto uma certificadora, a Rainforest Alliance, iniciou um selo para a carne sustentável. No entanto, o caminho desde então tem sido marcado por muitas promessas e poucas entregas.

Hoje, apenas as maiores empresas rastreiam fornecedores diretos, enquanto o resto da cadeia de abastecimento permanece obscura. Algumas empresas repetiram as promessas de 2009 no ano passado, alegando que agora tinham a tecnologia para rastrear toda a sua cadeia de abastecimento. O selo da Rainforest Alliance nunca foi à frente.

“É um sistema que nunca ganhou tração”, explicou Lisandro Inakake de Souza, que coordena o programa de clima e agricultura no Imaflo, uma ONG ambiental no Brasil. “Não podíamos colocar as

fazendas nos padrões de certificação, porque o mercado não está pedindo por isso”.

Mas, anos de trabalho têm ajudado os produtores brasileiros a desmistificar o que realmente significa carne bovina sustentável. Em 2016, a mesa redonda do Brasil lançou uma plataforma digital de indicadores de carne bovina sustentável para os produtores. As normas estão relacionadas à eficiência, rastreadores de emissões de carbono, respeito aos direitos dos trabalhadores e manutenção de reservas legais.

Apesar disso, muitos fornecedores de carne bovina e gado tropeçam no critério mais fundamental: seguir a lei. O desmatamento ilegal e as questões de posse de terra ainda são obstáculos para um grande número de fazendeiros brasileiros. A lei brasileira exige que os produtores preservem entre 20% e 80% de suas fazendas, dependendo da região e do bioma.

Ainda assim, os crimes ambientais e a apropriação de terras são comuns, e também há confusão sobre os caminhos para a reabilitação de fazendas embargadas e a obtenção de títulos de terra — mesmo quando as reivindicações são legítimas.

“Na realidade brasileira, sabemos como pode ser difícil, e como às vezes há jogo sujo, quando as pessoas ocupam terras públicas”, disse Souza.

As empresas, por outro lado, buscam se adaptar, visto que os investidores pressionam por práticas mais sustentáveis. Jordan Timo, fundador da empresa de rastreabilidade Niceplanet Geotecnologia, ajuda os gigantes da carne Minerva e Frigol, entre outros, a rastrear suas cadeias de fornecimento e publicar informações sobre fornecedores diretos online. Assim, os consumidores podem acessar os detalhes de origem da carne ao digitar um código impresso nas embalagens de carne bovina.

“Nós temos a tecnologia para expandir”, diz ele. “O importante é que a falta de conhecimento sobre o que pode ser feito é uma ferramenta usada por quem não quer agir”.

Há um número crescente de produtores e líderes da indústria que pressionam por uma indústria de carne bovina sustentável. Mauro Lúcio Costa, criador de gado no estado do Pará, pode ser um dos mais eloquentes.

Nos últimos três anos, Costa fez parte de um projeto piloto da Niceplanet Geotecnologia para rastrear toda a sua cadeia de fornecimento por meio do seu celular. O sistema permite que ele ofereça carne bovina quase totalmente rastreável — por mais que ele admita que, às vezes, nem mesmo ele conseguia encontrar bezerros de fazendas sustentáveis porque a demanda era muito alta.

Costa pode verificar, por meio de seu celular, se um fornecedor tem uma reserva legal de floresta no perímetro da fazenda e se já há registros de trabalho análogo à escravidão em sua propriedade. O sonho de Costa é de vender carne bovina com um selo de biodiversidade — sinal que mostra aos consumidores que, ao comprar sua carne, eles estão na verdade ajudando a proteger uma parte da floresta amazônica que fica dentro de sua fazenda. Seu maior obstáculo é persuadir outros produtores a se unirem a ele, para que juntos possam garantir um abastecimento constante.

“Se eu pudesse fazer sozinho, você estaria olhando para um homem rico, porque eu teria um produto que ninguém mais tem”, disse ele.

Mas por ora, os consumidores não estão exigindo este tipo de produto. De acordo com Souza, do Imaflora, a maioria está mais preocupada com questões como o bem-estar animal ou se a embalagem é biodegradável. Ainda assim, Costa acredita que se um número suficiente de agricultores se reunir,

será possível cultivar uma demanda de mercado.

“Steve Jobs não esperou que ninguém quisesse um iPhone, ele inventou e depois vendeu”, disse ele.

CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO

No Paraguai, a GRSB também criou um conjunto de indicadores para medir se a cadeia de valor da carne bovina pode ser sustentável. Os resultados preliminares mostram que é esse o caso, segundo Hugo Sánchez, o chefe da filial local da GRSB. Isto porque as vacas do Paraguai são alimentadas, sobretudo, com capim e sem hormônios.

“A maior parte de nossa produção é sustentável, mas ainda temos que provar isso com uma certificação adequada. O Paraguai carece de informações sobre seu setor de carne bovina e nós queremos mudar isso”, disse Sánchez. “Fazer isso nos permitiria vender nossa carne bovina a mercados premium e a um preço mais alto. Mas é um longo caminho pela frente, não somos vistos agora como um país produtor de carne bovina”.

“

O mundo está mudando. Ou nós corremos atrás ou seremos deixados para trás

Ainda assim, Sánchez reconhece a imagem negativa dos produtores por causa do desmatamento na região do Chaco. O desmatamento na área é legal, mas os produtores têm que manter 45% das árvores de pé em suas terras. Mais de 2,9 milhões de hectares de floresta do Chaco foram desmatados entre 2010 e 2018, de acordo com a ONG Guyra Paraguay.

Na Argentina, a filial local da GRSB está em processo de implementar um conjunto semelhante dos indicadores utilizados no Paraguai. A mesa redonda argentina que nem toda a carne produzida no país é sustentável, mas espera que os indicadores ajudem a dar um norte para o futuro. Sustentabilidade significa cumprir todas as leis nacionais, ao mesmo tempo em que se busca melhorar ainda mais, argumentam eles.

“O mundo está mudando. Ou nós corremos atrás ou seremos deixados para trás”, analisa Federico Baiocchi, chefe da filial argentina da GRSB. “Os consumidores estão pressionando o setor de carne bovina a ser mais sustentável. E há uma longa lista de áreas em que poderíamos melhorar, desde a rastreabilidade até a emissão de gases de efeito estufa. Estamos no fundo do poço, portanto, só podemos melhorar”.

As vacas não pastam mais livremente nos vastos pampas da Argentina e, em vez disso, são conduzidas a confinamentos para serem engordadas. O uso de

hormônios é permitido, e não há rastreabilidade eletrônica. O desmatamento continua sendo um grande problema. No ano passado, 114.716 hectares de florestas da Argentina foram desmatados, de acordo com o Greenpeace.

Em todo o continente, a maioria dos produtores vêem o Uruguai como um exemplo. Os altos padrões do país permitiram que Montevideu vendesse carne bovina a um preço mais alto. A maioria das vacas vagueiam ao ar livre, se alimentam de capim e são rastreadas eletronicamente.

Timo, da Niceplanet Geotecnologia, está confiante de que o modelo uruguaio de rastrear cada vaca é o caminho para o Brasil também — e que isso também poderia aumentar em muito os lucros dos produtores. “Sempre pensamos que os produtores uruguaios podiam cobrar mais porque tinham mais qualidade na carne”, disse ele. “Mas não é isso. É a rastreabilidade”.

INICIATIVAS TRANSREGIONAIS

A mesa redonda de discussão sobre a carne bovina não é a única iniciativa da região. Algumas fazendas já produzem carne bovina com uma certificação sustentável, como as pertencentes à Grasslands Alliance, uma iniciativa liderada pela ONG BirdLife International que opera na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.


Pede-se aos produtores que mantenham pelo

menos 50% de suas pastagens intocadas, sejam responsáveis pelo bem-estar dos animais durante sua vida útil e garantam condições de saúde e segurança para o consumidor. Em troca, eles vendem sua carne bovina com o selo da iniciativa.

A Grasslands Alliance já abrangia 621 mil hectares e 444 estabelecimentos rurais onde opera já em 2020.

“Temos todos os tipos de produtores que integram a iniciativa. Alguns se unem por causa da possibilidade de agregar valor à sua produção e aumentar seus lucros. Mas outros se sentem orgulhosos de ter um produto diferente dos demais”, disse Gabriela Gabarain, coordenadora da Grasslands Alliance na Argentina.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) trabalha com o governo nacional do Paraguai na iniciativa do Chaco Verde por cinco anos. Juntos, eles treinam mais de 3.500 pequenos e grandes produtores para melhorar suas práticas.

“Estamos tentando encontrar o caminho para que os produtores sejam mais eficientes e sustentáveis para que sua carne bovina possa ter acesso a mercados premium”, disse o coordenador do projeto, Rafael Gadea. “A produção é, em sua maioria, sustentável, mas ainda precisa provar isso por meio de uma certificação real”. 

China deve fazer sua parte para reduzir o impacto da soja sobre ecossistemas

Como principal importadora de soja do mundo, a China pode ajudar mudando os padrões domésticos de produção e consumo, e suas cadeias de fornecimento globais

Nos últimos 25 anos, as importações de soja da China cresceram 25% ao ano em média, chegando a quase 100 milhões de toneladas no ano passado. No mundo todo, 362 milhões de toneladas de soja foram cultivadas em 2020, um aumento de 46% em relação a 1994. O maior fornecedor do produto, o Brasil, cultiva soja em 38,3 milhões de hectares de terra — um aumento médio anual de 13% desde 2000.

Enquanto isso acontecia, e em grande parte por causa disso, áreas de vegetação tropical na América do Sul

encolhiam rapidamente.

Esses fatos nos levam a perguntar: a indústria global da soja é sustentável? Ou vai destruir todos os ecossistemas tropicais? Como podemos tornar a produção e o comércio sustentáveis?

Entre 2006 e 2017, fui vice-presidente da Associação da Indústria de Soja da China. Era responsável por suas operações e participei de consultas sobre políticas nacionais, além de ter intermediado a cooperação entre produtores

de soja, processadores e pesquisadores. Também ajudei a desenvolver a Plataforma China-América do Sul para o Comércio Sustentável de Soja, uma iniciativa conjunta da WWF, do Instituto Paulson e da Solidaridad, e também as Diretrizes para a Soja Sustentável da China (o primeiro documento desse tipo na China).

Gostaria de compartilhar o meu ponto de vista sobre esse assunto.

RAÇÃO ANIMAL IMPULSIONA EXPANSÃO DA SOJA

Desde a Segunda Guerra Mundial, a população humana cresceu de 2,5 bilhões para 7,7 bilhões. No mesmo período, as terras aráveis em



Plantações de soja no Cerrado. A área já foi coberta por uma vegetação exuberante
Foto: Alamy

todo o mundo aumentaram de 1,2 bilhão para 1,72 bilhão de hectares. A mudança mais significativa na agricultura tem sido a forte expansão das terras utilizadas para o cultivo da soja.

O rápido crescimento da indústria pecuária demanda fontes de proteína para a forragem. Há muito tempo, essa fonte era obtida principalmente da farinha de peixe. Agora que não dá mais para contar com a pesca para isso, a soja ocupou o seu lugar. Entre 2008 e 2020, a quantidade de farelo de soja usada na ração animal em todo o mundo aumentou de 151 milhões para 254 milhões de toneladas. Na China, o aumento saltou de 31,67 milhões para 76,83 milhões de toneladas. A indústria pecuária consome proteína de soja e produz carne, ovos e leite.

A soja e o milho são ambas matérias-primas fundamentais para a produção de forragens. O milho, uma fonte de amido, pode ser substituído por outras culturas básicas. Mas nenhuma outra cultura oferece uma alternativa à soja como fonte de proteína, e a demanda da indústria pecuária por ela é inelástica. A soja, portanto, tornou-se a safra de commodities mais desejada e, possivelmente, a mais controversa do mundo.

Tanto sua oferta quanto sua demanda aumentaram e o mercado está todo interligado: se um país planta menos soja, outro responde plantando mais; importações mais baixas em um país significam que outro comprará mais. Não podemos

76.8 milhões

milhões de toneladas de soja foram usadas como ração animal na China em 2020

olhar apenas para os principais players como Brasil, China e Estados Unidos.

A maior parte da perda de vegetação tropical ocorre na América do Sul. E isso não ocorre, como já foi o caso no passado, por agricultores que usam a terra para o sustento da família. Tampouco é inteiramente culpa do Brasil ou da Argentina. Visitei locais que foram desmatados na América do Sul e vi florestas primárias queimadas e árvores antigas arrancadas do solo por máquinas pesadas. A perda de florestas e habitats é devastadora. Esse processo modernizado de desmatamento é impulsionado pelo lucro, e isso não é exclusivo da América do Sul — o mesmo tem sido visto em outras regiões como o Sudeste Asiático.

Após o corte das árvores, a vasta terra tropical é ideal para operações agrícolas em larga escala. Combinado com a mecanização e o uso indiscriminado de herbicidas, pesticidas e fertilizantes, a América do Sul torna-se a região mais barata do mundo para cultivar soja, uma grande

vantagem nos mercados globais.

Enquanto isso, na Rússia e em outros lugares da Europa Oriental, vemos vastas extensões de terras agrícolas sem uso. O contraste gritante representa um fracasso da agricultura global.

Como todos sabem, há uma dualidade para o capital. Por um lado, ele flui e, conforme flui, mobiliza recursos e cria valor. Mas também é predatório ao gerar grandes lucros às custas da saúde ambiental.

Por quase um século, a extinção de espécies, as mudanças climáticas e a poluição desenfreada têm nos alertado que a lei da selva não funciona para a sociedade humana. Devemos controlar o capital e os danos que ele causa, criar leis e ideias que trabalhem em prol do meio ambiente e da economia sustentável.

COM A CRESCENTE PREOCUPAÇÃO COM A NUTRIÇÃO, A SOJA NÃO É MAIS O PATINHO FEIO

A soja é originária da China, e há 8.000 anos os humanos colhiam grãos de soja na natureza para comer. A agricultura de soja começou há 5.000 anos e há 2.600 anos os chineses começaram a fazer tofu a partir da soja. O povo chinês e a soja têm uma longa história compartilhada.

Mesmo assim, por algum tempo, os formuladores de políticas consideraram-na uma cultura de baixo rendimento, um patinho feio que sequer merecia entrar nos planos de segurança

alimentar. A China, desse modo, tornou-se cada vez mais dependente das importações.

Atualmente, a produtividade de soja na China é inferior a 200 quilos por mu (666 metros quadrados), muito inferior ao do milho, arroz ou trigo. Mas veja isso por um outro ângulo: a soja cultivada na China é 40% de proteína, uma proporção maior do que a da carne de porco, bovina ou mesmo ovo — e várias vezes mais do que o peso equivalente de outras culturas de grãos. A soja também é 20% de gordura e é rica em ácido fólico e vitamina E. Mais uma vez, outras culturas não podem competir.

À medida que a China se torna mais rica, há menos foco na quantidade de alimentos, e mais na nutrição. Agora podemos ver que a soja, em vez de ser o patinho feio, é na verdade um cisne. Enxergar na soja um alimento rico para a alimentação humana, e não só para a pecuária, é um caminho para melhorar a nutrição e para reduzir as pressões ambientais causadas pelo cultivo de soja como forragem.

A SUSTENTABILIDADE DA SOJA PRECISA DE ESFORÇOS GLOBAIS — E A CHINA PODE LIDERAR AS AÇÕES

A proteção das florestas tropicais, da biodiversidade e o combate às mudanças climáticas são cruciais para o futuro da humanidade. Precisamos começar a trabalhar juntos hoje. Nenhum indivíduo, nenhuma empresa, nenhum país pode ser deixado para trás.

Do meu ponto de vista, seis ações devem ser tomadas se quisermos ver a sustentabilidade da soja em todo o mundo, algumas das quais exigem mudanças nas políticas e hábitos de consumo na China.

1. *As nações desenvolvidas e os comerciantes multinacionais de grãos devem apoiar a legislação para impedir o desmatamento da vegetação tropical na América do Sul, e recusar a soja associada ao desmatamento ilegal.*

Os países desenvolvidos acumularam capital e tecnologia que os lançaram em posições de vantagem nos mercados globais. Os países da América do Sul e de outros lugares são menos desenvolvidos, e precisam do impulso econômico da expansão das terras agrícolas. Mas eles também têm a responsabilidade de proteger os ecossistemas tropicais. Outros países devem entender a situação em que se encontram os países sul-americanos e ajudá-los a desenvolver outros setores de sua economia, expandindo as oportunidades de emprego não agrícolas e reduzindo a dependência da expansão agrícola que ocorre via desmatamento.

Os comerciantes internacionais devem usar sua influência para apoiar a legislação e as iniciativas existentes que protegem os ecossistemas sul-americanos. Devem recusar a compra de soja associada ao desmatamento ilegal. Dois terços do comércio global de soja estão destinados à China.

As empresas chinesas têm trabalhado com organizações internacionais para produzir as Diretrizes para Soja Sustentável da China, estabelecendo princípios para o desenvolvimento sustentável destinados a proteger o meio ambiente, aumentar a fertilidade do solo, prevenir a poluição química e biológica e fornecer colheitas seguras e saudáveis, juntamente com índices quantitativos. Empresas chinesas, como a China Oil and Foodstuffs Corporation (COFCO), a China Grain Reserves Corporation e o Grupo Jiusan deixaram claro em suas políticas de compras que não comprarão soja associada ao desmatamento ilegal. Essas são apenas algumas ações tomadas pela China para incentivar o desenvolvimento sustentável do setor sojeiro.

2. *Trabalhar com países da Europa Oriental e África para utilizar terras agrícolas abandonadas para expandir o cultivo de soja*

A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, sigla em inglês) da China oferece uma nova oportunidade para a cooperação agrícola com países da Europa e da África. Universidades e empresas agrícolas chinesas estudam o reaproveitamento de terras agrícolas abandonadas e terras residuais com potencial agrícola na Rússia, Ucrânia, Belarus e Uzbequistão. A melhoria das variedades e tecnologias de cultivo também permitirá que a soja seja plantada mais amplamente. Atualmente, a Rússia produz apenas 4 milhões de toneladas de soja, e exporta

apenas 800.000 toneladas para a China, mas as exportações têm o potencial de chegar a 20 milhões de toneladas. Esse aumento de produção da Rússia já ajudaria a estabilizar o fornecimento de soja da China e a reduzir a pressão sobre as florestas da América do Sul.

3. *Ajustar as políticas de segurança alimentar para subsidiar a rotação de culturas, em vez das colheitas*

Não há necessidade de escolher entre soja e milho nas políticas de segurança alimentar. Não é bom mudar as regras com frequência, porque os produtores podem ficar inseguros quanto ao que plantar. A soja da China é utilizada principalmente para o consumo humano, enquanto seu milho é utilizado para ração animal. A experiência tem mostrado que a rotação de culturas de milho e soja no nordeste da China resulta em rendimentos consistentemente altos. Mas os subsídios para apenas milho ou apenas soja resultam no plantio repetido dessa cultura, e assim a rotação de culturas e suas vantagens são perdidas. Em vez de subsidiar o milho ou a soja, sugiro o subsídio para a rotação dos dois. Os agricultores terão certeza sobre o que plantar, em vez de se preocuparem sobre qual subsídio escolher, e ganharemos maiores rendimentos e uma produção mais estável de ambas as safras.

4. *Aplicação rigorosa da lei que regula o comércio de soja, para promover um desenvolvimento saudável*

A soja cultivada para consumo humano e para ração animal são dois produtos diferentes, com mercados, preços e políticas diferentes.

Cerca de 80% da produção global de soja é utilizada em forragens para animais. Praticamente todas as importações de soja da China, dos Estados Unidos, do Brasil e da Argentina são utilizadas desta forma, e a lei chinesa exige que estas importações vão diretamente para uma fábrica de processamento e não são revendidas. O farelo de soja processado é utilizado quase exclusivamente como matéria-prima para forragens animais.

Enquanto isso, a China é o maior produtor mundial de soja para consumo humano, com a variedade não-transgênica de alta proteína cultivada lá e utilizada na produção de alimentos. Os processadores europeus de alimentos importam grandes quantidades de proteína de soja cultivada na China, que tem uma participação de 50% no mercado global de proteína de soja para uso alimentar.

Nos mercados internacionais, a soja para consumo humano é geralmente 800 yuan por tonelada (123 dólares) mais cara do que a soja para forragem. Isto significa que alguns comerciantes ilegais violam as regras da China sobre alimentos transgênicos e repassam o produto mais barato para o consumo humano. Isso afeta os produtores legítimos de soja e é um risco para a segurança alimentar. As

autoridades alfandegárias, as autoridades de regulamentação do mercado e os órgãos responsáveis pela aplicação da lei devem combater proativamente tal comportamento para manter um mercado ordenado e proteger os produtores de soja domésticos da China.

5. *Desenvolver hábitos de consumo de soja da China para oferecer uma alternativa às proteínas animais*

A soja é uma joia da coroa da cozinha chinesa. Os chineses usam a soja para produzir uma variedade impressionante de produtos — tofu, leite de soja, pele de tofu, grãos de soja fermentados e molho de soja. A cultura chinesa de consumo de soja está se espalhando pelo mundo e está no centro de uma tendência para as proteínas vegetais.

O governo chinês busca equilibrar o consumo de proteínas vegetais e animais. A proteína de soja contém oito dos nove aminoácidos essenciais que necessitamos e pode ser consumida diretamente. Especialistas dizem que quando se utiliza farinha de soja para forragem animal, obtemos 1 kg de proteína animal para cada 2kg a 4 kg de proteína de soja — um desperdício de recursos. Uma estrutura mais equilibrada, fazendo melhor uso das proteínas vegetais, seria mais saudável. E cada tonelada extra de soja usada para consumo humano poderia reduzir seu uso em forragens animais de 2 a 4 toneladas.


Além disso, o governo precisa se concentrar tanto no desenvolvimento do uso da soja como alimento nutricional, quanto no crescimento da indústria pecuária. Sugiro que incentive cientistas e empresas a trabalharem juntos para melhorar as técnicas de processamento, aumentar a produção e a qualidade, e promover o uso de nutrientes de soja como carnes à base de plantas, alternativas ao leite, peptídeos, aminoácidos e lecitina de soja. Enquanto isso, podemos melhorar a composição de nossa indústria pecuária aumentando a proporção de animais alimentados com capim, melhorando as forragens animais e

aumentando a taxa de utilização de proteína.

6. *Reduzir o desperdício de alimentos em restaurantes e nas casas*

De acordo com um relatório recente do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo, o setor de alimentação da China desperdiça anualmente cerca de 34 a 36 milhões de toneladas de alimentos. Um estudo de uma universidade constatou que as famílias desperdiçam 17% de seus alimentos, enquanto 20% dos alimentos nas mesas de restaurante vão parar no lixo. Enquanto isso, dados do Escritório de Informação do Conselho do Estado mostram

que mais de 50% dos adultos chineses estão acima do peso ou são obesos, com os níveis aumentando para todas as faixas etárias e áreas da China.

Cortar esse desperdício pela metade economizaria mais de 60 milhões de toneladas de alimentos por ano na China. Isso liberaria terra para o cultivo de soja, reduzindo muito nossa dependência da importação do produto e equilibrando a oferta e a demanda global. A redução da demanda por carnes e gorduras, por sua vez, reduziria muito o uso de soja para ração animal. Prevenir o desperdício de alimentos é uma abordagem verde para proteger a vegetação tropical. 

[Fermín Koop](#)

Uruguai planeja aumentar produção e reduzir impacto de carne bovina

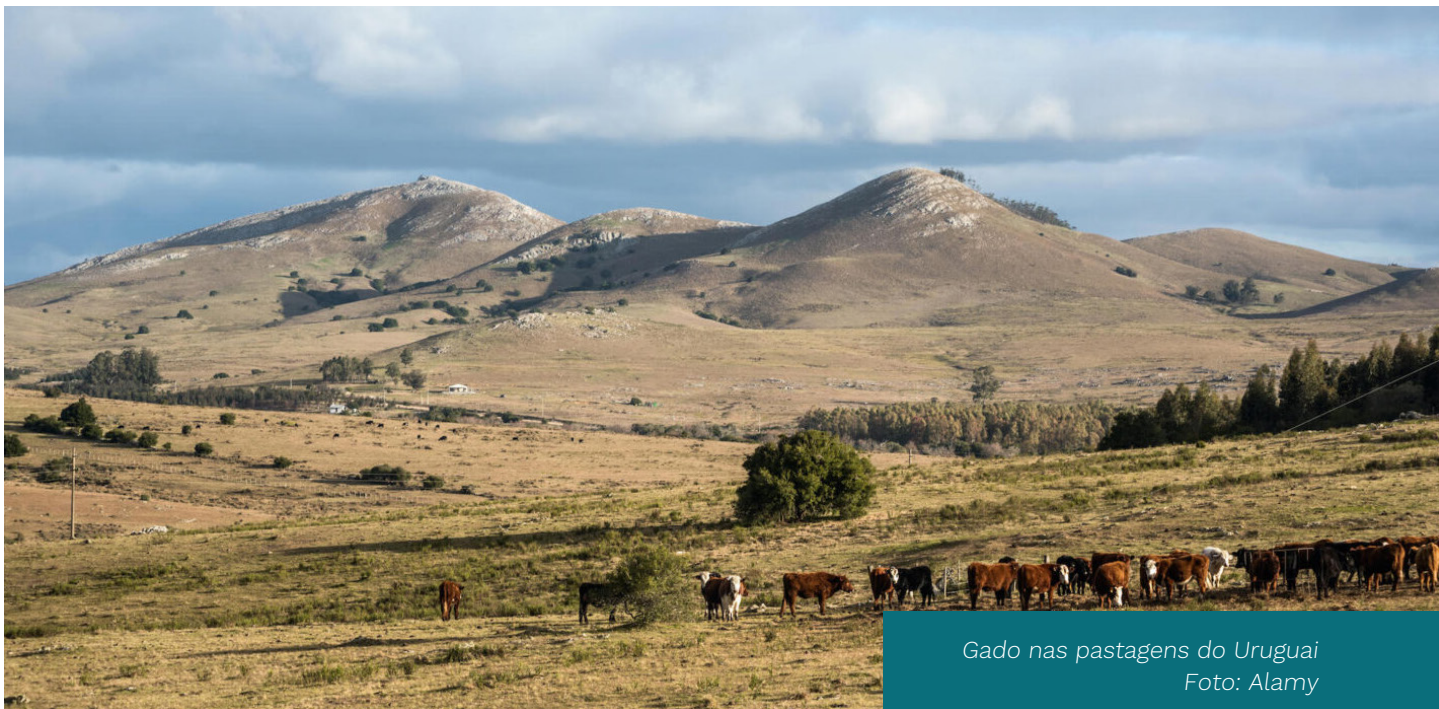
De olho na China, governo uruguaio tem uma estratégia para impulsionar produtividade focando na rotação de pastagens

Em apenas dez anos, o Uruguai poderia aumentar em 30% sua produção anual de carne bovina, estimada em 600 mil toneladas, segundo um novo plano apresentado pelo governo. Montevideu espera alcançar o objetivo com a expansão de uma técnica conhecida como rotação de pastagens, que tem o benefício adicional de evitar grandes impactos ambientais.

O Uruguai tem mais de 11,5 milhões de bois que pastam em 80% do

território do país. Estima-se que cada animal desfrute do equivalente a dois campos de futebol de pastagem. Isto significa uma produção extensa, mas também ineficiente, já que grandes porções do pasto não são utilizadas pelo gado, dizem especialistas em agricultura.

O governo do presidente Luis Lacalle Pou está empenhado em incorporar a maioria dos produtores à pastagem rotativa, na qual os bois ficam



Gado nas pastagens do Uruguai
Foto: Alamy

concentrados e rotacionam por porções de terra. Isto engorda os animais mais rapidamente e aumenta a produtividade do negócio.

“Os animais comem todos juntos em um campo, deixam suas fezes e urina, e depois se deslocam para outro. Isto é o que os rebanhos faziam originalmente”, afirmou Pablo Caputi, gerente de gestão do conhecimento do Instituto Nacional de Carnes do Uruguai (Inac). “Isto permite que as parcelas não sejam excessivamente usadas e evita que os pastos se degradem”.

Caputi é o autor do plano estratégico recentemente apresentado pelo Inac, um programa de dez anos para a indústria bovina uruguaia. Nele, o governo afirma que é possível aumentar a produção através da pastagem rotativa sem gerar mais poluição.

Você sabia...?

Há mais bois do que pessoas no Uruguai, em uma proporção de 3:1

A técnica, desenvolvida em 1960 pelo agricultor francês André Voisin, defende que as pastagens devem ter tempo suficiente para se recuperar, a fim de atingir seu potencial máximo. Os bois devem se deslocar regularmente de campo a campo, fertilizando o solo com seus dejetos.

“A pastagem rotativa permite ter mais bezerros por hectare e o aumento da produtividade. Você produz mais pasto e com melhor qualidade”, afirma Felipe Urioste, diretor da Pampa Oriental, uma

organização uruguaia que promove a técnica. “O que está no plano do governo é o que já vínhamos propondo há anos”.

URUGUAI: UMA TRADIÇÃO PECUÁRIA

Produzida ao ar livre, livre de hormônios e antibióticos, a carne uruguaia conquistou um lugar de destaque entre os consumidores de todo o mundo, especialmente na China. Cerca de 70% da carne produzida é exportada, da qual a China compra mais da metade. Até agora este ano, os embarques para a China cresceram 53%.

A carne bovina faz parte da identidade do Uruguai e responde por grande parte de sua economia. Existem 48 mil fazendas de gado no país, a maioria delas familiares, produzindo raças tradicionais de gado como Hereford e Aberdeen

10%

do gado do Uruguai é criado em confinamento, em comparação com cerca de 70% na Argentina

“

O uruguai não possui florestas nativas, portanto, a expansão da pecuária não causou desmatamento. Os bovinos coexistem com um ecossistema de pastagem que consiste em mais de 400 espécies de gramíneas.

Angus. O país tem o maior consumo de carne per capita do mundo.

De toda a produção de gado no Uruguai, apenas 10% ocorrem em confinamentos, áreas fechadas de engorda onde os bois se alimentam de grãos. O resto funciona ao ar livre, onde os animais são alimentados com grama, o que significa menor consumo de energia e menor pegada de carbono.

Ao contrário dos países vizinhos da América Latina como Brasil e Argentina, o Uruguai não possui florestas nativas, portanto, a expansão da pecuária não causou desmatamento. Os bovinos coexistem com um ecossistema de pastagem que consiste em

mais de 400 espécies de gramíneas.

Todos estes atributos permitem ao Uruguai construir uma marca associada ao cuidado com a natureza. Além disso, o país possui um sistema de rastreabilidade obrigatório, que atribui um código de identificação a cada animal. O sistema permite que o lugar de cada boi na cadeia produtiva seja conhecido em tempo real, aumentando a segurança alimentar.

O desafio agora, porém, é aumentar a produção e a produtividade, que se mantém em grande parte inalterada desde 2004, daí o novo plano do Inac. A estratégia visa aumentar a quantidade de carne bovina produzida sem comprometer os padrões

pelos quais o país é amplamente reconhecido.

O plano foca na sustentabilidade econômica, social e ambiental da produção pecuária no Uruguai. No aspecto econômico, o objetivo é ter empresas operando em condições de mercado. No aspecto social, é gerar mais emprego e, no aspecto ambiental, manter a biodiversidade, fazer melhor uso da água e melhorar o ciclo dos nutrientes no solo.

“O governo criou um novo Ministério do Meio Ambiente, um sinal de que esta agenda é importante para nós. A introdução de novas práticas pecuárias, como a rotação de pastagens, nos permitirá capturar mais emissões poluentes”, diz Caputi, acrescentando: “também cuidaremos melhor de nossos solos e evitaremos sua erosão”.

A metade das emissões de gases de efeito estufa do Uruguai vem da pecuária, de acordo com o inventário de emissões do país. O governo espera que a melhor gestão das pastagens, algumas das quais degradadas, permita a captura de gases mais poluentes. Para Caputi, o país poderá em breve se tornar neutro em carbono.

UM FOCO NA CHINA

Para o Inac, o relacionamento com a China é uma parte central de seu novo plano estratégico. Embora

o Uruguai não possa competir em escala com países como o Brasil ou a Argentina, o objetivo é construir sua marca como uma carne bovina mais segura e ambientalmente correta e, assim, vender a um preço mais alto.

As plataformas de comércio eletrônico são atualmente o principal método de venda da carne bovina uruguaia na China, e é aí que o Inac está concentrando seus esforços. Uma busca aleatória por “carne bovina uruguaia” nos sites chineses mais renomados, incluindo Tmall, Taobao e JD, retorna com centenas de opções.

O Uruguai entrou em contato com importadores e distribuidores e marcou presença em feiras, como a recentemente organizada Anufood. O Inac também abriu um escritório na China no ano passado para apoiar empresas exportadoras e promover a carne bovina uruguaia.

Em vídeos online, celebridades chinesas afirmam que a carne bovina uruguaia é “mais segura” que a da Austrália, que tem boa reputação como produtora internacional, mas no ano passado esteve envolvida em discussões comerciais e diplomáticas com a China. Trata-se de um dos principais países exportadores de carne bovina para a China, ao lado de Argentina, Brasil e Uruguai.

Pesquisas de mercado sobre a importância da

87,09%

Uma pesquisa com **542 consumidores** na província de Jilin, no nordeste da China, revelou que os consumidores estão muito preocupados com a qualidade e segurança da carne bovina, com 87,09% afirmando normalmente prestar atenção a essas informações.

Província de Jilin

rastreabilidade para os consumidores chineses revelam que a maioria valoriza a medida como forma de garantir a segurança alimentar, embora o conceito precise ser reforçado em alguns grupos.

Uma pesquisa com 542 consumidores na província de Jilin, no nordeste da China, revelou que os consumidores estão muito preocupados com a qualidade e segurança da carne bovina, com 87,09% afirmando normalmente prestar atenção a essas informações. No entanto, o grau de preocupação desses consumidores com a rastreabilidade varia muito de acordo com a renda, o nível de educação e a região, conforme mostram as pesquisas.

Daniel Castiglioni, que vende carne bovina uruguaia à China, diz que os padrões de qualidade e rastreabilidade do produto são importantes para os consumidores chineses.

“A demanda pelo produto está lá e se o Uruguai produzisse mais, não

teria nenhum problema em vendê-lo na China. O governo tem feito um excelente trabalho de posicionamento na China e isto tem ajudado a diferenciar a carne uruguaia da exportada por outros países. Os consumidores a vêem como sustentável”, afirmou Castiglioni.

Para Urioste, o Uruguai tem que se transformar em um país “boutique” de carne bovina e para isso deve apostar ainda mais na China. O crescimento do poder de compra no país asiático levará a uma maior demanda por carne de valor agregado, talvez até mesmo aquela com emissões negativas.

O crescimento das vendas de carne bovina uruguaia para a China reflete as fortes relações entre os dois países, que têm um acordo de parceria estratégica em vigor desde 2016. O Uruguai foi o primeiro país do bloco comercial do Mercosul a aderir à Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês), a qual seus vizinhos ainda não aprovaram formalmente. 🇺🇵

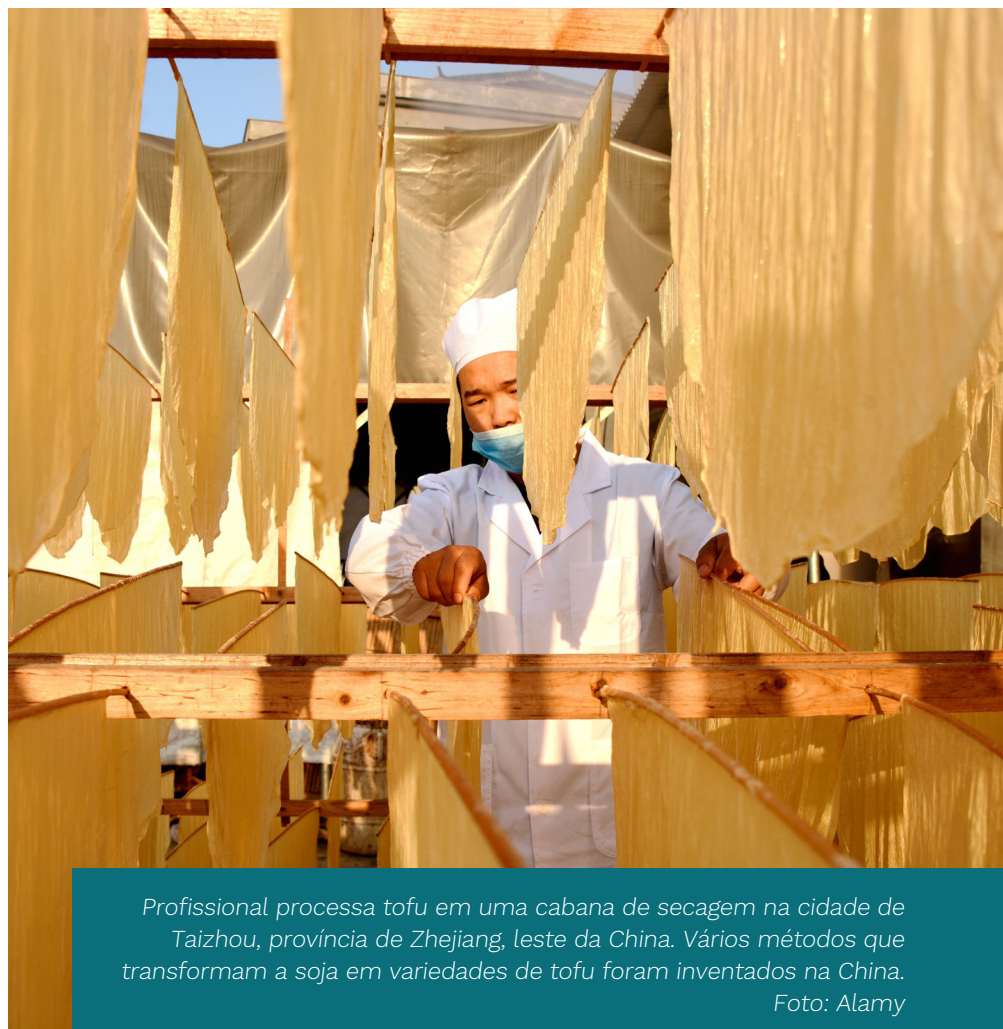
A dupla identidade da soja e suas oportunidades de sustentabilidade

Grãos ‘verdes’ da província de Heilongjiang ganham popularidade em dietas com base vegetal, enquanto importadores chineses de soja impulsionam certificação ecológica

A indústria globalizada da soja hoje está muitas vezes associada ao desmatamento e à perda de biodiversidade. Mas sua história na China se desenvolveu de forma diferente.

Domesticada no nordeste da China há milhares de anos, a maior parte da produção doméstica de soja está localizada na província de Heilongjiang, que se orgulha de seu solo negro e do cultivo de organismos não geneticamente modificados (OGM).

Os grãos de soja viajaram pelo mundo, sendo agora produzidos em quase todos os cantos do globo. Acredita-se que o Brasil, hoje o maior exportador mundial de soja, tenha



Profissional processa tofu em uma cabana de secagem na cidade de Taizhou, província de Zhejiang, leste da China. Vários métodos que transformam a soja em variedades de tofu foram inventados na China. Foto: Alamy

obtido seu primeiro lote de sementes diretamente do nordeste da China na década de 1930.

A China também transformou a soja em diferentes variedades de tofu e se esforçou para introduzi-la fora da Ásia Oriental. Nos anos 1900, Li Shizeng, educador e membro do Partido Nacionalista chinês, registrou patentes para

a fabricação de tofu, um processo semelhante ao do queijo e iogurte na França, e abriu uma fábrica de tofu em Paris.

Em 1917, a médica chinesa Yamei Kin foi enviada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos a seu país de origem para pesquisar a soja como fonte de proteína para alimentar soldados americanos durante a

Primeira Guerra Mundial.

Durante o período de “Reforma e Abertura”, a partir de 1978, o governo apoiou o uso da soja como fonte de proteína para humanos e animais. Com sua aplicação na ração animal, houve um aumento exponencial em sua demanda.

Hoje, como maior importador e consumidor mundial de soja, quase 85% do consumo de soja da China está escondido na alimentação animal, principalmente importada do Brasil, dos Estados Unidos e da Argentina. No entanto, a China ainda é o quarto maior produtor mundial do grão, fornecendo soja não geneticamente modificada para o consumo humano.

Parte do desafio de se construir uma boa reputação é que os grãos produzidos internamente e importados não são adequadamente diferenciados, embora seus usos sejam completamente distintos na China.

Há muita atenção às importações de soja pela China, mas ignora-se sua produção doméstica. O desenvolvimento do 14º Plano Quinquenal da China dá nova ênfase à interconexão entre bem-estar humano e proteção ambiental.

Com a segurança e a garantia de qualidade se tornando um requisito básico para consumidores, a sustentabilidade de

commodities leves, como a soja, é o próximo passo de governo e empresas. Isto terá implicações tanto para a soja como alimento cultivado domesticamente quanto para a ração importada.

85%

do consumo de soja da China está escondido na alimentação animal, principalmente importada do Brasil, dos Estados Unidos e da Argentina

TORNANDO VERDE A PRODUÇÃO INTERNA DE SOJA

Até 2017, a região nordeste da China viu um declínio na área de plantio de soja, uma vez que agricultores conseguiam preços melhores e subsídios com o milho. Ao mesmo tempo, enfrentavam rendimentos mais baixos em comparação com outros países produtores, como Brasil e Estados Unidos.

Embora o desafio da sustentabilidade na produção de soja na China esteja enraizado na viabilidade econômica para agricultores, a província de Heilongjiang já considera sua produção “verde” e sem risco de

desmatamento. A região continua a fornecer soja para atender à demanda das vastas variedades de tofu, leite de soja e molho de soja da China — produtos de uso diário consumidos no país.

A China tem mantido uma política estrita de produtos sem OGM para o consumo humano, sendo a província de Heilongjiang uma região-chave nesse tipo de plantio e processamento. Isto levou a indústria a adotar seus próprios sistemas de rastreabilidade, que serviu de base para a tendência de tornar a indústria mais verde.

O Grupo Jiusan, grande empresa de cultivo, processamento e comercialização de soja, lançou seu sistema de rastreabilidade verde em 2018. A iniciativa foi atualizada este ano com a utilização dos padrões de certificação orgânica e verde da China. Os detalhes sobre a iniciativa, no entanto, ainda são vagos e limitados.

Com o incentivo do governo, as indústrias na China estão se voltando cada vez mais para padrões internacionais de garantir qualidade, segurança e sustentabilidade, ao mesmo tempo em que permite que as empresas vendam produtos a um preço mais alto. As principais marcas de óleo de soja da China construíram a reputação de fornecer grãos sustentáveis, saudáveis e seguros, principalmente

aqueles provenientes do nordeste do país.

Em 2014, a empresa estatal Sinograin North Agriculture Company foi pioneira na implementação de um padrão internacional de soja na China, certificando seus 24 mil hectares de soja sob os critérios *Round Table for Responsible Soy* (RTRS).

Embora a certificação RTRS garanta a responsabilidade ambiental e social, incluindo a desmatamento zero, o benefício direto para a Sinograin foi a adesão às Boas Práticas Agrícolas para reduzir o uso de produtos químicos, adotar a rotação de cultivos e melhorar a gestão da produção, o que proporcionou mais segurança para alcançar maiores rendimentos. Isso despertou o interesse de agricultores, que aderiram ao treinamento da certificação RTRS. A Sinograin também vende créditos de soja certificados a grupos europeus, e os grãos são vendidos a marcas líderes de tofu chinês.

Esta cooperação entre a Sinograin North e a RTRS é simbólica, pois este esforço conjunto ajuda a construir a reputação dos grãos de soja de Heilongjiang. Agora, a soja certificada pela RTRS na China está ganhando força. Os grãos de soja de Heilongjiang estão sendo procurados não só por empresas nacionais, mas também de Europa, Japão e Coreia do Sul, embora em pequenos volumes, com o aumento

da demanda por proteínas de origem vegetal para o consumo humano.

PROTEÍNAS DE ORIGEM VEGETAL IMPULSIONA SOJA DOMÉSTICA

Embora os grãos de soja tenham suprido o crescente consumo mundial de proteína animal, eles estão agora voltando a se destacar como a proteína vegetal mais procurada para consumo humano. Isto também ocorre na China, em particular entre as gerações mais jovens, que optam por comer menos carne e se preocupam com a proteção ambiental.

Empresas multinacionais, startups e investidores estão otimistas sobre

“

A Europa está, muitas vezes, disposta a pagar um preço mais alto pelo produto.

a crescente indústria vegetariana na China. Em junho de 2020, a Cargill lançou sua marca “PlantEver”, vendendo *nuggets* vegetais online e à rede KFC na China.

Sem surpresas, as marcas vegetarianas confiam na soja proveniente da região nordeste da China. O preço dos produtos de origem

vegetal é semelhante ao de carne, se não mais caros, o que aumenta o valor desses produtos à base de soja.

Embora seja improvável que essa tendência reduza muito o consumo de carne dentro da China, a indústria vegetal cresce com a preferência dos consumidores. Além dos benefícios ambientais da indústria de alimentos à base de plantas, essa preferência cria novas oportunidades para comercializar a soja nacional da China.

Os consumidores na União Europeia e nos EUA também exigem cada vez mais produtos sem OGM e desmatamento. Não é novidade ver compradores europeus cobrando a oferta de soja livre de transgênicos e desmatamento. A Europa está, muitas vezes, disposta a pagar um preço mais alto pelo produto.

Portanto, assim como o chá Pu'er construiu uma reputação de alto valor, a soja de Heilongjiang tem agora a oportunidade de desenvolver uma reputação semelhante. Isso requer ações de sustentabilidade transparentes e rastreáveis e uma diferenciação clara no mercado que reconheça a marca e a rotulagem ecológica.

SUSTENTABILIDADE PODE VIRAR TENDÊNCIA NAS IMPORTAÇÕES DE SOJA

A outra identidade da soja é como um

“

Em 2017, a China Meat Association e a WWF, juntamente com mais de 60 empresas signatárias, lançaram a Declaração de Carne Sustentável da China, apelando por ações para promover a produção, o comércio e o consumo sustentáveis de carne.

produto comercializado internacionalmente. A China continua a depender de importações de soja para atender à crescente demanda por ração animal. Particularmente as indústrias de suínos, aves e aquicultura estão fazendo esforços para tornar suas cadeias de produção mais verdes.

A China continuará a depender das importações de soja, mas exigirá garantias de que elas sejam de alta qualidade e sustentáveis. O governo e as instituições financeiras estão reconhecendo o desmatamento e a perda de habitat como os maiores riscos na indústria da soja. A COFCO International, braço comercial do Grupo COFCO, assumiu no ano passado o compromisso de alcançar a rastreabilidade total de seus fornecedores diretos de soja no Brasil até 2023. Em 2017, a China Meat Association e a WWF, juntamente com mais de 60 empresas signatárias, lançaram a Declaração de Carne Sustentável da

China, apelando por ações para promover a produção, o comércio e o consumo sustentáveis de carne.

Mais recentemente, a empresa avícola Grupo Sunner anunciou seu compromisso de alcançar o desmatamento zero em sua cadeia de soja, trabalhando com o sistema de divulgação sem fins lucrativos CDP para desenvolver um plano para atingir essa meta.

A grande questão é: o mundo está pronto para a crescente demanda por soja sustentável da China?


A Associação de Soja dos EUA, representando o segundo maior produtor de soja depois do Brasil, tem promovido ativamente seu próprio sistema de produção sustentável, o Sustainability Soy Assurance Protocol (SSAP), na China. O programa fornece um certificado SSAP para compradores chineses.

Em 2020, uma fazenda de bagres amarelos da

província de Liyang Chen tornou-se a primeira a receber a certificação. A empresa utiliza rações produzidas apenas com produtos de soja certificada, o que constitui um bom exemplo de produtores de soja implementando a sustentabilidade em sua cadeia de produção.

O mundo pode continuar a olhar para a soja apenas como uma *commodity*. No entanto, a recuperação da reputação como uma proteína saudável e nutritiva tem permitido a Heilongjiang diferenciar seus grãos e tornar-se cada vez mais atraente.

Enquanto a indústria continua a evoluir e a moldar sua dupla identidade, ambos os lados da história têm dado maior ênfase ao bem-estar humano aliado à proteção ambiental para contribuir com os objetivos da China de alcançar sua neutralidade de carbono.

As tendências na China sem dúvida têm um impacto global, criando novas e mais oportunidades de valor agregado para os produtores de soja em todo o mundo. Na complexa e fragmentada cadeia global da soja, os países produtores estarão em vantagem quando puderem diferenciar os grãos de soja por origem e garantir que sejam seguros e verdes. Garantir padrões internacionais e rótulos ecológicos trará valor agregado e estabelecerá a ligação entre os produtores e os mercados-chave como a China. 



Diálogo Chino

O Diálogo Chino é o único site de jornalismo independente dedicado a destrinchar as relações China-América Latina e seus desafios para o desenvolvimento sustentável.

**Escritório em Londres: China Dialogue Trust, 15 Printing House Yard,
Perseverance Works, Londres, E2 7PR
Reino Unido**

Contato: informacion@dialogochino.net

 [@dialogochinoPT](https://twitter.com/dialogochinoPT)  [@dialogochino](https://facebook.com/dialogochino)